

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CULTURA E SOCIEDADE

VANDA MARIA MENDES FREIRE

UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE - UFMA: desafios e
possibilidades de educação continuada para o longo

São Luís - MA
2018

VANDA MARIA MENDES FREIRE

UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE - UFMA: desafios e possibilidades de educação continuada para o longo

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – Mestrado Interdisciplinar da Universidade Federal do Maranhão, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Conceição de Maria Belforf de Carvalho

São Luís - MA
2018

VANDA MARIA MENDES FREIRE

UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE - UFMA: desafios e possibilidades de educação continuada para o longo

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – Mestrado Interdisciplinar da Universidade Federal do Maranhão, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Conceição de Maria Belfort de Carvalho.

Apresentada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Conceição de Maria Belfort de Carvalho
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof^a. Dra. Klautenys Delene Guedes Cutrim
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof^a. Dra. Wilma de Fátima Diniz de Sousa
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Mendes Freire, Vanda Maria.

UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE - UFMA : desafios e possibilidades de educação continuada para o longo / Vanda Maria Mendes Freire. - 2018.

123 p.

Orientador(a): Conceição de Maria Belfort de Carvalho. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Educação Continuada. 2. Gerontologia. 3. Longevidade. 4. Longevo. I. Belfort de Carvalho, Conceição de Maria. II. Título.

Dedico esse trabalho em especial ao meu amado pai (*in memoriam*) que sempre me incentivou a buscar o conhecimento acadêmico; A minha irmã Solange Sampaio Mendes (*in memoriam*), pela bravura e alegria em todos os momentos, pelo orgulho com que se referia a mim enquanto irmã, amiga e profissional. A minha amada mãe Elvira Rodrigues Sampaio por ser o porto seguro da família; ao meu esposo Willen, pelo apoio, paciência e compreensão durante todo o mestrado; aos meus amados filhos Willen e Wesley; aos meus doces filhos com “açúcar” (netos), Isaac, Ian e Pietra. Muitíssimo obrigada.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar a Deus, é um privilégio de viver durante toda a minha vida na sua presença.

A especial Professora Doutora Conceição de Maria Belfort de Carvalho, foi um privilégio tê-la como minha orientadora, pelo integral suporte acadêmico, pela sábia competência na sua orientação, pela sua valorosa contribuição a esse estudo.

A competente Professora Doutora Klautenys Delene Guedes Cutrim, a quem passei a admirar pela dedicação enquanto educadora, especialmente pela convivência e riqueza de conhecimentos compartilhados nessa caminhada acadêmica.

Ao Professor Doutor Luciano Façanha pela acolhida com elegância ao curso de mestrado, colocando-se sempre à disposição de todos os alunos do mestrado.

A todos os colaboradores da Coordenação do Mestrado, pelo suporte, dedicação e atenção aos alunos participantes da turma de 2016.

Ao Professor Doutor João Batista Bottentui Junior pelo incentivo e apoio na produção acadêmica.

À Professora Doutora Roselis de Jesus Barbosa Câmara que elegantemente aceitou o convite para integrar à minha Banca de Qualificação, e por suas valorosas contribuições para que esse trabalho se concretizasse.

Ao corpo docente que integram o Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, pelos valorosos conhecimentos transmitidos a nossa turma de mestrado: Zilmara, Sandra, Vera, Ferreira Junior.

Aos alunos longevos entrevistados que em muito contribuíram para a concretização desse estudo.

As minhas sobrinhas Ana Carolina e Mayana pelo amor, carinho e apoio nessa caminhada.

À Professora Mestra Clécia, pela valiosa contribuição na revisão textual.

A todos os colaboradores da Coordenação da UNITI ao se colocarem a disposição para que esse estudo pudesse ser concretizado.

A Ester Uchoa, mais que uma amiga, minha irmã do coração, pela sua dedicação, força e amor para comigo em todos os momentos da minha vida.

As amigas Ana Ruth Siqueira e Luciêde Pinheiro, vocês são presentes de Deus para o meu coração.

As amigas do mestrado: Andreia, Ana Marília, Flávia, e Raphaella pelas caronas e compartilhamento dos saberes durante as aulas e trabalhos acadêmicos ao longo do mestrado.

“As escolas ensinam, mas somente a longevidade te leva a um forte aprendizado humano.”

Delson Jacinto Vieira

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo investigar a percepção de longevos sobre os efeitos decorrentes da sua participação no Programa de Educação Continuada da Universidade Integrada da Terceira Idade da Universidade Federal do Maranhão. O fenômeno do envelhecimento acontece em um contexto em que a redução das taxas de natalidade e fecundidade vem modificando a pirâmide etária da população brasileira. Atualmente, a participação do longo em um novo contexto é uma condição relevante para um bom viver, participando e assumindo funções ativas, além de afrontar os desafios que procuram representar negativamente esse público. No Brasil, atualmente, existem inúmeras instituições de ensino superior que desenvolvem programas de educação continuada, as Universidades Abertas para a Terceira Idade em educação. Configuram-se, por exercerem uma função relevante possibilitando ao longo vivenciar e acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea. Portanto, o estudo aqui tratado aborda o objeto da pesquisa na perspectiva qualitativa, e para se alcançar os objetivos, o procedimento metodológico adotado foi a entrevista semiestruturada. Participarão da pesquisa, 13 (treze) longevos do Programa de Extensão da Universidade Federal do Maranhão – Universidade Integrada da Terceira Idade - UNIT/UFMA. A pesquisa está fundamentada por meio de Revisão de Literatura sobre considerações do envelhecimento, e as terminologias utilizadas para designar a pessoa que acumula muitos anos de vida ao longo das últimas décadas. Os resultados desse estudo demonstraram que para esses longevos a idade deixou de ser empecilho, o longo não só pode, como deve continuar a frequentar ambiente acadêmico; superar dificuldades, encerrar desafios e vislumbrar novas possibilidades para suas vidas. Percebemos que o retorno à sala de aula tem uma importância intangível para os docentes entrevistados. Constatamos a importância do papel da Universidade Integrada da Terceira Idade da Universidade Federal do Maranhão na preparação de longevos para o envelhecimento ativo, haja vista os alunos apresentam-se positivos, motivados a continuarem a aprender ao longo de suas vidas, por sentirem-se cidadãos inseridos, integrados a sociedade.

Palavras-chave: Educação Continuada. Longevidade. Longevo. Gerontologia.

ABSTRACT

The present study has as object to investigate the long-live people opinion about their participating on the Education Continue Program of The University Integrated to the Third Age of The University Federal of Maranhão, Brazil. The grow-old phenomenon starts in the context where the birth rate and the fecundity rate have changed the Brazilian population pyramid. Along with this, the long lived participating in a new context became an important condition for living well, taking dynamics functions, besides to confront the challenges that represents negatively this group. In Brazil, today, there are countless Establishments for higher education that developments continue programs, like The Open University to The Third Age, what has a relevant function that allows long-lived public living and following the transformations of the world. Therefore, this study treats the object in a qualitative view and, to get the goals, will be used as methodologic proceeds an semi structured interview, of which they will participate 13 (thirteen) long-live persons from Extension Program Maranhão Federal University - The University Integrated to the Third Age- UNIT/UFMA. The search is based in a Literature review about the grow old and the various terminology to theses persons who lived many years nowadays. A theory discusses about Continue Education and Longevity comes up with theories like Gerontology, Education and The University to the Third Age, its history and its relevance to them. The finally considerations allows a discuss with concepts and points about a positive and active Longevity that permits a inclusion of this public in the society, favoring their search for knowing along this life. The results of this study demonstrated, that for those enduring the age no longer snag, the lifelong not only can, as should continue to attend academic environment, overcome difficulties, encar challenges and envision new possibilities for their lives. We realized that the return to the classroom has an important intangible for the teachers interviewed. We not the importance of the role of the third at the Federal University of Maranhão. To prepare stundents for active aging, enduring since students are positive, motivated to continue to learn their lives. By feel citizens entered integrated society.

Keywords: Continue Education. Longevity. Long-lived people. Gerontology.

LISTA DE QUADROS

	p.
Quadro 01 - Faixa Etária/ Gênero.....	68
Quadro 02 - Estado Civil.....	69
Quadro 03 - Grau de Escolaridade.....	69
Quadro 04 - Razões para participação no programa.....	71
Quadro 05 - Compreensão dos familiares.....	73
Quadro 06 - Pensamento do idoso sobre longo tempo.....	75
Quadro 07 - Compreensão sobre Educação Continuada.....	77
Quadro 08 - Convívio em sala de aula.....	79
Quadro 09 - Aspectos Positivos.....	81
Quadro 10 - Aspectos Negativos.....	84
Quadro 11 - Desafios enfrentados no curso.....	85
Quadro 12 - Resultados decorrentes de participação no programa.....	88
Quadro 13 - Mudanças na vida após participação no programa.....	90
Quadro 14 - Mudanças percebidas por familiares e amigos.....	92

LISTA DE SIGLAS

COHAB	Conjunto Habitacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PROEX	Pró - Reitoria de Extensão
SEPLA	Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão
SESC	Serviço Social do Comércio
TLC	Termo de Livre Consentimento
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
USP	Universidade de São Paulo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
UNITI	Universidade Integrada da Terceira Idade
UNATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO	20
2.1 Terceira Idade, maturidade, velho, idoso, melhor Idade, longo vivo?	28
3 EDUCAÇÃO CONTINUADA E A LONGEVIDADE	34
4 GERONTOLOGIA E A INTERDISCIPLINARIDADE	40
4.1 Gerontologia educacional	46
5 UNIVERSIDADE ABERTA PARA A TERCEIRA IDADE	51
5.1 Universidade Integrada da Terceira Idade da Universidade Federal do Maranhão	56
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	61
6.1 Caracterização da Pesquisa	61
6.2 Participantes da Pesquisa	63
6.3 Instrumento de Coleta de Dados	63
6.4 Procedimentos Éticos para Análise dos Conteúdos	64
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	67
7.1 Questionário: caracterização pessoal	67
7.2 Entrevista: elementos conceituais	70
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	108
APÊNDICE A - Modelo de Questionário - (aluno longo vivo entrevistado)	109
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista - (aluno longo vivo entrevistado)	110
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	111
ANEXOS	116
ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética	117

1 INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado pelas mudanças sociais com o incremento e evolução das ciências e da tecnologia, da saúde pública, e melhorias na educação, no trabalho, na habitação e de urbanização favorecendo e contribuindo para o bem-estar da população. Todas essas condições possibilitam ao indivíduo de modo geral e, particularmente a população longeva, por desfrutar dessas melhorias que levam a uma qualidade de vida da população.

Considerando o crescimento acelerado da população longeva no país, podemos afirmar que já existe por parte da sociedade, um olhar mais atencioso em compreender melhor o fenômeno do envelhecimento, o que tem suscitando o desenvolvimento de estudos e pesquisas à procura de respostas que contribuam para a inclusão desse segmentário etário na sociedade. (NERI, 1995; DEBERT, 1999). Nesse sentido, Martins (1998), reforça que as atuais políticas públicas, representadas no Estatuto do Idoso e a Política Nacional de Saúde do Idoso sugerem a criação de espaços de convivências, que facilitam a inclusão do indivíduo mais velho na sociedade. Conforme discorre Silva (2007), vários estudos no campo da gerontologia, e da Psicologia, enfatizam a integração e a participação dos longevos na vida social.

A educação como um direito universal do indivíduo, é um dos meios que pode ser utilizado para proporcionar ao idoso o desenvolvimento de atitudes e ações que levem a uma postura positiva com relação a sua faixa etária. Nessa direção, Santos e Sá (2000), discorrem sobre a educação como um instrumento em que o longevo pode transpor obstáculos e desafios colocados pela idade e pela própria sociedade. Nesse sentido, a educação continuada proporciona ao longevo oportunidades de atualização, aquisição de novos conhecimentos, além da integração sociocultural e oportunidades para a prática do lazer. (NERI, 1995). Corrobora com esse pensamento, os estudos de Cachioni (2003), o qual assinala sobre a importância da educação para a promoção de uma velhice bem-sucedida, com qualidade de vida psicológica, social, e biológica.

Segundo Osório (2003), o processo educativo não se extingue nos primeiros ciclos de vida e nem tão pouco somente durante o tempo de trabalho laboral, até porque, a dinâmica do processo é permanente e contínua para todos os sujeitos nas diferentes etapas de vida. Os estudos desenvolvidos por Cachioni (1998), sobre educação, reforçam que o conhecimento possibilita atualização, realizações e bem-estar à proporção que seja capaz de organizar atividades pedagógicas e melhorar a capacidade de convívio nas relações sociais.

As Universidades Abertas à Terceira Idade vêm proporcionando experiências que possibilitam ao longo da sua retirada do isolamento, organizando atividades, e prestando serviços a esse segmento da população. Nessa perspectiva Palma (2000), compartilha o mesmo pensamento, quando acrescenta que as Universidades da Terceira Idade têm como propósitos desconstruir preconceitos que rotulam a velhice e provocam o enfraquecimento da autoestima dificultando o resgate da cidadania e o fortalecimento de sua participação social. Para Both (2006), a Universidade Aberta à Terceira Idade está exercitando a inclusão educacional e social do longo ao desenvolver atividades pedagógicas que atendem aos interesses e necessidades dessa população.

A opção em estudar o assunto relacionado aos longevos e o tratamento dado a esse público, surgiu na graduação que culminou no trabalho monográfico intitulado Turismo e Terceira Idade: estudo da importância da atividade turística para os idosos, que me possibilitou adquirir bases teóricas sobre velhice, o turismo e o lazer nesta faixa etária. A partir daí, ao longo dos últimos anos, meus questionamentos, minhas reflexões, a vontade em desenvolver novos estudos sobre o envelhecimento, a pessoa longeva, tem suscitando em mim, o desejo em alargar os meus conhecimentos à área da Educação e, particularmente a Educação Continuada no período da longevidade, a escolha por estudar um projeto de educação continuada para longevos em uma universidade aberta parece adequando para responder as minhas indagações. Assim, destaco a relevância desse estudo, em face às implicações do crescimento da população longeva na sociedade. Portanto,

pretende-se nessa pesquisa identificar desafios, possibilidades e a relevância da Educação Continuada no crescimento do longo enquanto cidadão.

Atualmente, o envelhecimento da população torna-se uma realidade em todo o planeta. Essa inquietação que era somente dos países desenvolvidos, também é uma realidade nos países emergentes. Nos últimos 20 anos, houve um maior interesse pelo destino dessa população, buscando uma maior conscientização da sociedade sobre os resultados do envelhecimento populacional e no cuidado com o seu bem-estar.

Como reflexo dessa conscientização, surge a Universidade da Terceira Idade que tem como um dos seus propósitos a inserção social do longo na sociedade contemporânea.

A Educação Continuada é considerada uma possibilidade para modificar concepções relacionadas à longevidade. Nesse sentido, torna-se relevante o estudo sobre a contribuição da Educação Continuada para uma melhor compreensão do processo de envelhecimento.

Nos últimos anos, em decorrência dos avanços da ciência e da tecnologia, o longo vem usufruindo para uma melhor compreensão da qualidade de vida dessa população. Hoje, os longos apresentam-se mais saudáveis e padecem menos de dificuldades financeiras em relação aos idosos do início do século XX (BLAZER, 1998). Em complemento, Camarano (2002), corrobora com essa afirmação e acrescenta que nos últimos anos, houve uma diminuição nas condições de deficiência física e mental do idoso brasileiro e que o mesmo assumiu o papel de chefe de família passando a não depender e viver com parentes.

Entendo que nesta perspectiva, certamente que o perfil do longo vem se modificando. Hoje em dia não é mais possível relacionar o envelhecimento acompanhado de doenças ou a imagem sobre idosos, fadado ao uso de pijamas, bengalas, cadeiras de embalo, olhando televisão, ouvindo rádio, jogando cartas, frequentando igreja, ou fazendo crochê e/ou tricô, já não condiz com a realidade atual quando esse segmento etário vem demonstrando ser mais ativo e interativo na sociedade. Entretanto, mesmo nos dias atuais ainda existem preconceitos e estereótipos entre a sociedade e

surpreendentemente entre os familiares e até mesmo entre os próprios longevos. Na percepção de longevos em questões relacionadas às razões determinantes para sua participação em programas de educação continuada, são elementos que exigem a construção de uma “Uma Nova Ordem” no processo educacional dessa população. Frente a esse contexto, indaga-se:

Qual a percepção de longevos em questões relacionadas às razões determinantes para sua participação na Universidade da Terceira Idade da Universidade Federal do Maranhão?

Qual a compreensão do longevo acerca da Educação Continuada nessa fase da vida?

Como os alunos longevos conseguem perceber aspectos positivos e negativos de sua participação em um projeto de Educação Continuada?

Diante dos meus questionamentos, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a percepção de longevos, sobre os efeitos decorrentes da sua participação em um programa de educação continuada da Universidade Integrada da Terceira Idade pertencente à Universidade Federal do Maranhão.

Dessa forma, no que concerne ao conteúdo contido nessa pesquisa, acredita-se ser apropriado estruturar esse estudo em cinco capítulos. Para tanto, buscou-se autores que trabalham temática sobre Envelhecimento, Gerontologia e Educação, Interdisciplinaridade: Beauvoir (2009); Both (2000); Cachioni (2003); Gadotti (1982); Neri (2005); Osório (2003); Paviani (2005); Freitas (2002); Kachar (2005), entre outros.

O estudo encontra-se estruturado em capítulos, o segundo capítulo versa sobre Considerações sobre o envelhecimento, destacando-se os dados demográficos do censo de 2014, elaborado e analisado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em que este apresenta resultados para um considerável aumento da população longeva, e que tal fenômeno deve-se aos avanços tecnológicos e às pesquisas no campo da medicina.

No Terceiro capítulo Educação Continuada e a Longevidade, são levantadas reflexões acerca da relevância de uma educação continuada para o longevo, quando o fenômeno da longevidade já é uma realidade na sociedade do século XXI. Busco diversos pensadores que fundamentam e direcionam a um

debate consistente sobre a Educação Continuada, Longevidade e a relevância do aprendizado como algo que não se extingue com o envelhecimento.

No Quarto capítulo, Gerontologia, e a Interdisciplinaridade são fundamentadas em diversos pensadores sobre alguns pressupostos de Gerontologia, por apresentar-se como campo interdisciplinar do conhecimento voltado para questões do envelhecimento.

O Quinto capítulo, A Universidade Aberta a Terceira Idade apresenta uma abordagem histórica sobre a Universidade da Terceira Idade no mundo e no Brasil. O capítulo também versa sobre do surgimento, funcionamento e consolidação do Projeto de Extensão da Universidade Integrada da Terceira Idade (UNITI) na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), enquanto experiência de Educação Continuada, que tem possibilitado ao longo a inclusão e o exercício da cidadania dentro e fora da instituição de ensino.

O Sexto capítulo apresenta os Procedimentos Metodológicos para a elaboração do estudo, como: caracterização da pesquisa; participantes da pesquisa; instrumentos de coleta de dados; procedimentos éticos para análise dos dados.

No Sétimo capítulo, são analisados os questionários e entrevistas concedidos pelos alunos longevos participante da pesquisa, com discussões fundamentadas em diversos teóricos. Por último, apresentam-se as considerações finais sobre as opiniões encontradas durante a realização das entrevistas. Espera-se que o resultado desse estudo possa contribuir para o alargamento de novas reflexões. Portanto, espera-se que o resultado desse estudo possa ser útil ao Programa de Educação Continuada da Universidade Federal do Maranhão.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO

O fenômeno do envelhecimento é atualmente uma questão que vem despertando muito interesse em grande parte da população brasileira. É inegável que tal fato deve-se ao considerável aumento de idosos na sociedade brasileira, com previsões de maior crescimento em futuro próximo. Esse fenômeno que também é mundial teve início no século XX.

A partir do final do século XX, o envelhecimento populacional do Brasil, tornou-se temática que provocou enormes transformações no dia a dia dos indivíduos. O relatório sobre o envelhecimento da população brasileira segundo Villani (2007), aponta um significativo aumento em torno de 4%, em 1940, de indivíduos com mais de 60 anos, aumentou para 9%, em 2000, e incide nesse segmento etário que mais tem crescido no país. De acordo com o IBGE, “Projeção da População Brasileira 2000/2060”, com estudos revistos em 2013, o país em 2060, contará com mais de 103 milhões de pessoas com faixa-etária acima dos 50 anos, ou seja, 47% do total de habitantes no Brasil, estimado em 218 milhões. Destaca-se outro fato relevante nesse mesmo período, o segmento etário que corresponde às pessoas de 0 a 14 anos, serão apenas 28 milhões de pessoas se comparamos com pessoas acima dos 50 anos.

Conforme dados do IBGE (2017), dando conta que no ano de 2012 a população idosa representava 12,2% do total da população, representando 29.566 milhões de idosos. Em 2016 o número de idosos passou de 14,4% do total da população brasileira estimada em 205.511 milhões, houve um aumento de 3,4% de pessoas com idade a partir de 60 anos, que são os reconhecidos legalmente como idosos. Desta forma, o ritmo do fenômeno do envelhecimento se apresenta como um desafio a ser defrontado pela sociedade brasileira na contemporaneidade.

Para Martins (1998), a constituição etária da sociedade contemporânea está mudando, é considerável a perspectiva de vida da população idosa. Trata-se de um período de mudanças, de avanços no campo tecnológico, e das ciências que o mundo presencia com novas perspectivas e

benefícios. Nessa mesma linha, Câmara (2006), destaca os avanços espetaculares no campo da biotecnologia, da cibernética, da computação, da eletrônica, da genética e da medicina, como geradores de benefícios que contribuem para o aumento da expectativa de saúde e de vida. Esses avanços implicam em um envelhecimento mais saudável para todos, com dignidade, respeito, e com possibilidades de participação em atividades não vivenciadas em outros estágios de suas vidas. Percebemos junto a esse grupo etário, a troca de antigas posturas por um novo estilo de vida que tem levado esse público a uma dedicação e atenção à saúde física e mental, a conscientização pela prevenção e tratamento de doenças patológicas, a preocupação por uma alimentação saudável, a prática de atividades físicas, a autonomia e independência pessoal e financeira, ao uso do seu tempo livre com atividades de lazer e viagens, e a participação em programas sociais, culturais e educacionais.

Contudo, acredito ser necessária uma melhor compreensão do envelhecimento bem-sucedido em uma sociedade que não quer envelhecer, é um desafio, principalmente pela existência de preconceitos, discriminações e lendas arraigados na sociedade.

Conforme Tavares (2005), o fenômeno demográfico com aumento da expectativa de vida e de maior proporção de longevos nas sociedades, especificamente nos países em desenvolvimento, tem causado sobressalto e incitado discussões acerca da velhice e do envelhecimento, sejam por leigos ou em áreas científicas ou governamentais.

O elevado crescimento de longevos interfere em vários setores, econômico e social, proporcionando um número cada vez maior de indivíduos dependentes dos serviços públicos, e da previdência social. As desigualdades socioeconômicas e culturais interferem no envelhecimento com qualidade de vida. Com base em Assis (1998), quando afirma que o surgimento da maturidade e a experiência da velhice podem constituir realidades largamente diferenciadas, desde a perfeição ao declínio, da recompensa ao desamparo, principalmente na sociedade brasileira que possui grandes desigualdades regionais.

Segundo Paz *et al* (2001), a sociedade que está envelhecendo é a mesma que exalta e enaltece a imagem da vivacidade da juventude, contudo, é a mesma que imprime marginalização ao longo quando dedicam à velhice um estágio não pretendido, rejeitado. O envelhecer, para maioria dos indivíduos, ainda não é bem recebido. Para muitos, o envelhecimento causa mais pânico se comparada à ideia da morte. Permanece a marca de uma fase de decadência e de perdas, onde poucos podem usufruir de uma velhice bem-sucedida. Contribuindo Beauvoir (1990), comenta que a velhice é apenas um dos estágios do desenvolvimento humano e não o fim de tudo.

Conforme Cachioni (2002), a velhice ou envelhecimento é um processo contínuo e permanente de desgaste natural. A ciência tem construído definições com discursos positivos, negativos e mitos sobre a velhice. Estes pensamentos preconcebidos alteram e afetam o relacionamento com outros segmentos da faixa etária.

Cada indivíduo apresenta um processo de envelhecimento específico, decorrentes das circunstâncias que envolvem estágios de sua vida e que acontecem de formas distintas. Assim, o envelhecimento é um processo biológico, psicológico e social que acontece de forma diferente nos seres humanos, ou seja, em nenhuma outra etapa da vida as diferenças são tão acentuadas (BERZINS, 2003; BORGES, 2006).

No Brasil, o processo de envelhecimento populacional ocorre juntamente com as discussões sociais e problemas intergeracionais não resolvidos, a saber: a) a desigualdade social nos países da América Latina, apresenta elevado grau de pobreza, assim, é maior a pobreza entre os idosos; b) a redução no número de filhos entre 1990 a 2030, ocasionará diminuição na carga média por filho de assistência aos pais e a redução da possibilidade dos idosos serem assistidos; c) a feminização da velhice: um maior número de mulheres longevas em relação aos homens (BERZINS, 2003; BORGES, 2006; CAMARANO, 2006).

É necessário destacar que apesar dos termos envelhecimento e velhice possam parecer ter o mesmo significado, é importante diferenciá-los uma vez que são determinados por elementos distintos. O envelhecimento diz

respeito a um processo biológico e que todo indivíduo enfrenta na sua trajetória de vida. O crescimento positivo do envelhecimento está relacionado às características genéticas de cada pessoa, a sua classe social, suas condições de saúde e higiene, dentre outras. (BEAVOIR, 1990). A autora elaborou sua definição sobre o velho como sendo o sujeito que possui uma “extensa vida por detrás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada”.

Entendo que o envelhecimento é um fenômeno que acarreta algumas perdas, é reflexo da genética. Com o passar dos anos ocorrem mudanças no corpo de todo indivíduo, é um processo natural, dessa forma caminho à luz do mesmo pensamento dos autores Stano e Kachar (2005), a velhice é o resultado do processo de envelhecimento. Contudo, o processo de envelhecimento não se dá somente no aspecto biológico, as atitudes diante da vida também estabelecem a idade da velhice de cada pessoa. Para esses autores, ser velho não seria somente caracterizado pelas perdas biológicas, ser velho pode estar relacionado a outras perdas, sejam de ordem emocional, a apatia, dentre outros.

Beauvoir (1990), explica que ao final do século XIX, e na primeira metade do século XX, no contexto do capitalismo no mundo, foram desenvolvidos os primeiros estudos sobre o envelhecimento em diversas áreas a exemplo da Psicologia, Biologia e Sociologia. A partir do século XXI, os estudos foram sendo aprofundados, sobretudo pelo crescimento populacional com ausência de políticas sociais voltadas a essa faixa etária, conseqüentemente suscitando novas pesquisas. Assim, trago um argumento que casa perfeitamente com essa questão, Debert (1998), na ótica social a maior parte dos estudos, pesquisas e relatos referem-se a uma velhice abandonada, isolada e empobrecida, relegada a segundo plano na sociedade industrializada.

Para Debert (1998), o apoio da antropologia ao debater sobre o assunto, explana a condição “terceira idade” como uma concepção das sociedades ocidentais contemporâneas. Segundo a autora, pesquisar a velhice sob a visão antropológica é afirmar que, embora exista um processo que se pode afirmar como universal, é biológico, observa-se nos seres vivos que

esses por sua vez nascem, crescem e morrem. Assim, é um processo investido socialmente, culturalmente e historicamente.

Por sua vez, aspectos físicos ou especificidades biológicas, como a idade, usadas como requisitos de classificação social dos indivíduos. Contudo, salienta-se que a criação desses requisitos possui relação com a criação de instituições e agentes especializados, que utilizam essa definição para caracterizar suas atividades a saber: nas instituições educacionais, “na aposentadoria, no meio familiar, no mundo do trabalho, nas políticas das instituições públicas” entre outros (DEBERT, 1998).

E, assim, a autora acredita que a institucionalização do curso da vida tem a idade cronológica como uma dimensão elementar definindo o papel social do sujeito na organização social. Nesse processo está a “cronologização da vida, ou seja, a datação que classifica as pessoas. É uma espécie de “sistema de datação que leva em consideração o nível de maturidade, estágios da vida” e que são claramente definidos, separados e organizados mediante a idade cronológica.

No Brasil, o discurso gerontológico, apresentou uma imagem virilizada do idoso brasileiro, fundamentado em três enfoques: a explosão demográfica da população de longevos que exige políticas exclusivas; a crítica à cultura brasileira que aprecia o novo; e, a mudança da família extensa em família nuclear. (GUIMARÃES, 1996).

Na sociedade contemporânea, surge a necessidade de estabelecer espaços de novas perspectivas no sentido de dar atendimento de novos espaços a esse segmento que vem crescendo de forma acelerada e que se delinea com potencial e possibilidades de permanecer com suas contribuições para o crescimento social.

O envelhecimento ainda que não obedeça a um modelo em face de um segmento etário, pode apresentar singularidades apontadas por situações relativas à classe social, condições sociais, econômicas, individuais ou coletivas o que gera acréscimo na expectativa de vida dos indivíduos na sociedade. Completando esse pensamento, Papaléo (1996), diz que o novo modelo de envelhecimento é dinâmico, avalia a velhice como uma ação

heterogênea, caracterizada por diferenças socioeconômicas, culturais e individuais, portanto, instituída não somente de avarias, sobretudo de sucessos. Um envelhecimento bem-sucedido é uma tendência, com inversão a imagem negativa da velhice, compreendendo-a como uma etapa de vida, como tempos para novas possibilidades, convidando o longevo à participação, onde as experiências e saberes vividos e acumulados oferecem a oportunidade de conceber novos projetos e estabelecer relações intergeracionais positivas.

O envelhecimento está relacionado a questões de perdas na vida do homem. Substanciando o debate Neri (1995), explica que o envelhecimento é o processo de transformações correspondente ao perfil genético de cada pessoa, quando se percebe a diminuição das condições físicas, com aumento de fragilidades, surgimento das patologias, e da convicção da morte. Expondo nessa direção Stano (2005), define o envelhecimento como uma ação contínua de desenvolvimento da pessoa caracterizado pelas alterações que acontecem por toda a vida. Assim, compreendo que as transformações que acontecem desde nascimento do homem até a sua morte, é a certeza que acomete todo ser humano. Envelhecer não exprime de forma alguma estar doente, inerte, e sim atravessar gradualmente situações de mudanças de ordem psicológicas e físicas. Como explica Scharfatein (2004), o processo de envelhecimento do ser humano pode ser entendido como a integração social, psicológica e biológica do envelhecimento. Guedes (2006), afirma que vários são os tipos de declínios, a saber: o psicológico, decorre em face de como o sujeito trabalha suas emoções, suas dores e ansiedades encaradas ao longo da sua vida. O declínio biológico acontece conforme suas tradições, atividades físicas, hábitos alimentares. Enquanto o declínio na perspectiva social e cultural varia de acordo com a conjuntura histórica e cultural.

Para Demo (2002), ao destacar que o ato de usufruir de uma adequada saúde mental e física, significa estar bem individual e adaptado socialmente, realizado enquanto indivíduo, e apto a explorar possibilidades de vida e aprender a aprender.

Podemos verificar que segundo a opinião de Marinho (2016), “a velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente e nem de modo tão evidente quanto se costuma enunciar”. Em consonância com a opinião dos autores citados não podemos deixar de compreender que existem maneiras de se vivenciar a longevidade, e que na realidade a velhice não existe. Logo, a representação da figura do indivíduo velho é inconsistente. Para esses autores, existe sim, a representação da figura da pessoa idosa, e que essa figura é construída pela sociedade referindo-se a um tempo do ciclo de vida de cada indivíduo. Ou seja, percebemos que a velhice é um assunto ainda muito difícil de entender, visto como um tempo difícil, de doenças, proximidade da morte, tanto para os jovens como para muitos que vivenciam esse momento na vida. Segundo Paz (2001), para ele nada mais é do que um tempo existencial, a memória, a história, o registro das experiências vividas pelo sujeito que envelhece. Concordando com o pensamento do autor por compreender que é resultado de experiências vivenciadas ao longo de uma vida.

Segundo Neri (2007), encaixar a velhice como final de ciclo de vida, acaba por estereotipar a velhice como algo desagradável, lamentável, sob o aspecto biológico. Sobre a temática voltada para o envelhecimento, digo ser pertinente ressaltar o mercado empresarial que tem visto o longo como cliente em potencial e real, consumindo produtos e serviços ligados a estética, a planos de saúde, a lazer e turismo. Complementando esse raciocínio, por sua vez Stano (2005), lembra a exagerada procura por novos mercados de consumo. A mídia, e a indústria da propaganda têm elaborado uma representação da velhice, descartando particularidades do processo de envelhecimento, ao converter e ocultar novas expectativas desse processo.

Na sociedade contemporânea, a participação do longo em um novo contexto é uma condição importante para um bom viver, participando e assumindo funções ativas, além de afrontar os desafios que procuram representar negativamente o longo. Para tanto, é importante compreendermos que para experimentar a longevidade de maneira saudável

vai depender do modo como enfrentamos os desafios apresentado no cotidiano.

Se para muitos, a velhice é percebida como sendo uma questão social, é importante buscar novos caminhos, e a educação pode ser a opção para se percorrer esse caminho. Afinal, o longevo que se propõe a participar da educação continuada, enfrentando desafios em momentos de dificuldades, se sentindo motivado e acreditando em novas possibilidades, continua a aprender no sentido de construir sua própria identidade. Em sentido parecido Lima (2001), afirma que a educação possibilita novas oportunidades de aprendizagens ao longevo, desperta para uma consciência da importância enquanto sujeito na sociedade, no construir de uma longevidade digna, se fazer incluso na família, na sociedade, não aceitando estigmas que depreciam a figura do longevo.

A educação vai além do ensinar, o longevo tem a oportunidade de transformação dos seus projetos de vida. Compreendemos que é nesse âmbito que o longevo deva planejar suas ações, e escolhas. Com uma nova percepção da longevidade, com a oportunidade de rever pensamentos, com novos modos de se perceber e estar no mundo. Produzir uma verdadeira mudança na forma de aprender a pensar, na construção uma nova leitura de sua realidade, e consciente do seu papel enquanto sujeito na sociedade.

Não nos resta dúvida que por meio da educação, o longevo envolto em novos conhecimentos tem a oportunidade de se fazer ouvir, de gerar mudanças e estabelecer um novo olhar sobre o envelhecimento.

Faz-se conveniente afirmar que a Educação Continuada pode contribuir para a elevação da autoconfiança, autoestima e qualidade de vida dessa faixa etária. Assim, a Educação tem a capacidade de transformar situações e aspectos negativos, em relação ao longevo, com o desenvolvimento de atitudes e ações relevantes. É nessa direção que compreendo que o envelhecimento é mais uma etapa da vida, onde a pessoa faz parte de todo um processo de existência carregado de experiências que não mais se isola, mas que participa e atua. E mais, a educação pode ser aclamada em qualquer idade como um direito e como uma possibilidade,

mostrando assim que o indivíduo pode e consegue aprender por toda a vida, independentemente da idade. Para sustentar o meu posicionamento trago o autor Gonçalves (2003), ao dizer que o aprendizado é um processo que acontece ao longo de toda a existência do indivíduo, e quando existe a vontade de aprender, a capacidade pode ser tão elevada aos 80 anos quanto aos 15 anos.

É justamente o aprendizado continuado, constante, que proporciona ao longo da vida a harmonia para acompanhar a humanidade em suas descobertas e desfrutar os conhecimentos conquistados. A aprendizagem continuada necessita ser uma constante na vida de cada indivíduo, enquanto sujeitos inacabados que somos. Logo, a aprendizagem deve se manter ao longo de toda a existência humana. Assim, a educação deve ser concebida como uma expressão em comum acordo com a sociedade que procura destruir obstáculos sociais, no sentido de estabelecer uma democracia com equidade de participação social e prática da cidadania por todos os indivíduos.

2.1 Terceira Idade, maturidade, velho, idoso, melhor Idade, longo vivo?

Diversos estudiosos têm se dedicado à temática sobre o envelhecimento. Entretanto, ainda não existe entre pesquisadores uma unanimidade no que tange a nomenclatura ideal que possa caracterizar os indivíduos que acumulam anos de vida. Embora a Organização Mundial da Saúde (OMS) em (2005), estabeleça que o início da velhice se dar a partir dos 65 anos de idade. Contudo, é importante ressaltar que no Brasil considera-se a idade de 60 anos como início dessa etapa de vida, em face de todo um contexto de desigualdade social, econômica vivenciado por essa população etária.

Durante o desenvolvimento deste trabalho em busca de fundamentações para o mesmo, tenho observado os estudos e pesquisas acadêmicas realizadas nas últimas décadas que abordam essa temática tem predominado uma abundância de expressões direcionadas a esse público.

Segundo Ferrigno (2015), a expressão dos vocábulos pode não significar muita coisa e ou mesmo manifestar ideais, ou seja, para além dessa discussão, certamente a palavra “velho”, é cheia de conceitos negativos em nossa sociedade, dessa maneira, “a imprensa tende a reservá-la aos excluídos e fragilizados”.

Segundo Peixoto (2000), boa parte da produção científica, tanto brasileira como a internacional voltadas para a temática do envelhecimento, apropria-se oficialmente dos termos: velho, idoso, terceira idade, vocábulos estes, indicam esse grupo social etário, sem a inquietação de se encaixar a um termo padronizado e adequado.

Em termos atitudinais, recorreremos novamente a Ferrigno (2015), ao dizer que a intolerância pode estar sustentada tanto em quem se expressa como em quem escuta. Nesse sentido, é necessário refletir primeiramente sobre a palavra velho, pode ser pronunciada tanto na intenção de depreciar uma pessoa, assim como uma palavra com significado de expressão carinhosa por parte de um filho ou de um cônjuge.

Atualmente, a expressão, “velho” tem sido substituída por termos como idoso, terceira idade, pessoa idosa, longevo. A referência à palavra velho é frequentemente utilizada para pessoas que já apresentam sinais de desgaste físico em face dos anos acumulados ao longo da sua vida, dependentes, excluídos dos grupos sociais, decorrente de uma sociedade que restringe oportunidades nessa etapa da vida.

De acordo com Oliveira (2012), as três primeiras expressões: terceira idade, maturidade, e velho, a autora alude que, a primeira é falível, se é a terceira idade implica que as duas primeiras sejam a infância, e a fase adulta o que não inclui a adolescência. Parece ser a maturidade desconexa, haja vista que a mesma se apresenta em todas as etapas da vida do indivíduo.

Por conseguinte, a expressão: “velho”, não deve ser comparado a algo excluído, sem utilidade, que pode ser lançado fora. Logo, a autora advoga que, o problema não está na expressão em si, e sim nas comparações que a sociedade construiu sobre a expressão (OLIVEIRA, 2012). Segundo explica Peixoto (2000), o tratamento dado à velhice era estabelecido pela exclusão

social, restando ao velho uma casa asilar como sendo sua principal referência. Assim, a expressão “velho”, era utilizada para ratificar um panorama de exclusão de pessoas despossuídas, indigentes e que não tinham posição social.

Em face à complexidade da temática sobre envelhecimento, pelas suas variações sociais e temporais, a qualificação do que é velhice, e de quem pode ser rotulado como velho, também se tornou bastante variável no decorrer dos últimos anos.

A Organização Mundial da Saúde (2005), definiu como idoso todos os indivíduos com 60 anos ou mais e assinalando como a “idade do lazer”. No Brasil, a palavra idoso, também faz menção à idade cronológica de 60 anos conforme dois documentos oficiais, a Lei nº 8.842/94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, no artigo 2º “considera-se idoso, a pessoa maior de 60 anos de idade”, e a Política Nacional de Saúde do Idoso, considera pessoa idosa a idade de 60 anos. A priori, a expressão idoso era somente utilizada para os indivíduos que tinham uma posição social de destaque na sociedade ao possuir experiências em cargos políticos, com posição financeira privilegiada e ou de algum modo desenvolver uma atividade valorizada na sociedade (PEIXOTO, 1997).

Lenoir (1996), ilustra muito bem o uso das expressões, a troca da expressão velho para idoso, que passou a ser utilizado de modo oficial em políticas direcionadas a velhice e, sobretudo favoreceu para constituição de novas atitudes, atividades e consumo voltados a essa nova fase da vida.

De acordo com Alves (2008), no século XX, durante a década de 60, o termo idoso foi trazido da França para o Brasil pelo pesquisador Marcelo Salgado que já estudava o envelhecimento, quando substituiu de forma gradual, a expressão “velho”, na intenção de acabar com preconceito, exclusão social, e cultural desse segmento etário da sociedade. A expressão idoso seria especialmente a pessoa mais velha, o velho respeitado (PEIXOTO, 2000).

A propósito, Peixoto (2000), esclarece que, a expressão “Terceira Idade” também surgiu na França em meados de 1962, em razão da instalação de uma “política de integração social da velhice”, visando à transformação da

imagem das pessoas envelhecidas. O mesmo autor define “Terceira idade” como uma classe socialmente construída, originando uma fala diferente e atribuindo outros aprendizados, buscando compreender e trabalhar melhor com o processo de envelhecimento dos indivíduos. “A Terceira Idade” diz respeito ao jovem velho, ao aposentado ativo participativo. Enquanto pesquisadora desse estudo, parece que o termo terceira idade está mais relacionado ao âmbito coletivo. Portanto, o simples fato de indicar diferentes formas de expressões já significa diversas posturas de como esse indivíduo é percebido pelos mais jovens.

Para complementar a aceção do autor supracitado sobre as diversas expressões voltadas para o indivíduo que envelhece, recorro ao depoimento de Ferrigno (2015), para alguns se aceitarem como velhos traz orgulho por suas rugas, marcas do tempo e atestado de experiência, sabedoria. Entretanto, observamos que uma expressiva maioria da população abomina a expressão velho, torna-se um termo agravante, quando estes preferem termos atenuantes, como “idoso” ou “terceira idade”, que recorrem inclusive a processos estéticos rejuvenescedores.

A partir dessas considerações sobre as expressões discutidas em tela, Debert (1997), explica a inversão na representação da velhice, as expressões “idosos”, e “terceira idade” também foram legitimadas como uma forma de lutar contra antigos estereótipos acerca do envelhecimento, construindo um bom viver nessa etapa da vida.

Trago para este debate, a explicação de Cachioni (2003), o termo terceira idade, adotada no contexto brasileiro, nada mais é do que uma alteração ao vocábulo velhice. Para a autora torna-se ameno, pronunciar e ouvir a expressão terceira idade. Neri (2007), afirma que a denominação “terceira idade” é uma etapa a mais do ciclo de vida, ou seja, nem ruim tão pouco melhor que qualquer outra. Segundo Peixoto (1998), a denominação terceira idade é um termo que sugere um rompimento na velhice, afastando os jovens dos velhos, dos recém aposentados.

Para Debert (1997), a “Terceira Idade” apresenta-se, como uma nova etapa da vida estabelecida entre a aposentadoria e o envelhecimento,

caracterizada por um envelhecimento ativo e independente, direcionado para a integração e a autogestão. Constitui um segmento etário, ou seja, são os “velhos jovens” da terceira idade com idade entre sessenta e oitenta anos. Já os idosos com mais de oitenta anos passaram a compor a quarta idade, os “velhos”, essa sim, identificada com a imagem tradicional da velhice, por necessitarem de maiores cuidados e atenção em razão de redução das suas habilidades físicas e emocionais. Nesse sentido, a autora revela uma preocupação quanto ao abandono a esses “velhos velhos”, o que ela define como uma reprivatização da velhice.

A autora Correa (2016), defende o pensamento de Debert (1997), sobre a temática da “reprivatização da velhice” que reforça a ideia da jovialidade como um patrimônio, ou seja, quando a pessoa tem o dever de zelar por envelhecimento cronológico inerente ao ser humano que não venha acompanhado por perda ou reduções de suas capacidades físicas, cognitivas e sociais. Para esse autor, a jovialidade não é mais sinônimo específico de um segmento etário, sobretudo, um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer período cronológico da vida do indivíduo.

Peixoto (2000), crítica a diversidade de terminologias que serve apenas como pretexto de mudanças por não revelar o que de fato existe, e que abrange a todos os indivíduos em relação às restrições naturais que sucedem no processo de envelhecimento. Segundo a autora, o que é relevante na velhice são as experiências, conhecimentos acumulados e empregados para um bem viver.

Por fim, chama atenção Macedo (2013), que a velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente e nem de modo tão evidente quanto se costuma enunciar. Deste modo, destaco, que em termos estritos, não existe a velhice; existem formas de se experimentar a idade avançada. Visto assim, também não existe a pessoa velha, existem pessoas idosas em diversidade de imagens que são construídas pela sociedade o qual se reporta a etapa de um ciclo de vida.

Recentemente, o termo “longevo” tem sido adotado por alguns autores que se dedicam a pesquisas acerca do envelhecimento, originado da

palavra longevidade, que sugere maior expectativa de vida e saúde do cidadão. Dentre os autores destaco Câmara (2006), e Sato (2008), quando explicam a relevância de uma nova percepção da sociedade para o cidadão que envelhece, e quando o mesmo aspira por valorização e está inserido na sociedade. Portanto, concordo com as autoras supracitadas, pois compreendo que atualmente esse termo expressa uma nova postura do cidadão que deseja viver uma vida sadia, agradável, proveitosa e produtiva. Assim, em consonância com esse pensamento, justifico a escolha pela expressão longevo ao longo dessa pesquisa.

3 EDUCAÇÃO CONTINUADA E LONGEVIDADE

Os dados estatísticos demográficos apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006), em relação ao crescimento do número de idosos, o Brasil já convive com o fenômeno da longevidade, com alterações na pirâmide relacionada à faixa etária. Na perspectiva de Câmara (2002), “o fenômeno do envelhecimento destaca-se na atualidade como um assunto presente e de interesse pessoal e coletivo”. Portanto, é relevante produzir momentos para discussões, despertar interesses e conscientizar os educadores para a produção de pesquisas e estudos nesse campo. Ainda parafraseando a autora, a longevidade populacional se coloca na esfera das forças sociais resultantes de transformações e inovações advindas da sociedade.

No entendimento de Doll (2008), a educação proporciona uma dimensão compensatória ao longo, um melhor entendimento e interferência na sociedade, na qual está inserido. Aprender sempre, permanecer intelectualmente ativo é fundamental para que o longo seja sujeito da sua própria história, e da história coletiva da sociedade em que vive.

Nesse viés, Paiva (1985), esclarece que a educação é um processo, no qual o indivíduo aprende a se educar, a se informar para transformar-se e modificar o seu contexto. O sujeito é um ser inacabado e a educação, enquanto processo contínuo possibilita a inclusão de todos à sociedade. Alves (2007), destaca que o acesso ao ensino é uma necessidade social sustentável e deve ser acessível a todos, independentemente da faixa etária ou habilidades educacionais adquiridas anteriormente em qualquer momento de suas vidas, com direito a continuar sua educação seja formal e /ou informal.

Parente (2006), explica que a educação é em si um bem estratégico, pois é condição para alcançar objetivos sociais, econômicos, individuais e coletivos, assim como é, por excelência, um instrumento de inclusão social. Neste sentido, Gadotti (1982), acrescenta que a Educação Continuada é uma educação que se estende ao logo da vida, um imperativo, um prosseguir permanente na formação individual e coletiva.

A Educação Continuada deve ser percebida pela sociedade contemporânea, como um procedimento de aprendizagem consecutiva uma vez que esta deve significar não somente a (re) estruturação de currículos e prolongamento de escolaridade, mas, acima de tudo, proporcionar ao longo, sua participação na vida social e cultural enriquecendo as relações interpessoais e atualizando suas percepções. O longo inserido em um contexto educativo está muito mais preparado para enfrentar os desafios que a sociedade moderna oferece, estando hábil ao se opor a qualquer discriminação ou transgressão a seus direitos, que possam sofrer. A longevidade permite à sociedade e aos cidadãos novas possibilidades e desafios, em que se sobressai são as circunstâncias que propiciem a atualização continuada de capacidades fundamentais para o indivíduo. Nessa direção, Mirabelli (2015), explica que as intenções pela educação dos longos podem se apresentar de maneiras distintas que satisfaçam seus propósitos, notadamente que se leve em consideração as múltiplas dimensões existentes no processo educativo.

Na concepção de Doll (2008), a Educação Continuada possibilita ao longo, compreender o mundo e intervir na sociedade na qual está inserido, acompanhar as evoluções tecnológicas pelas quais passa a sociedade. A universidade, enquanto espaço para o desenvolvimento de pesquisas, de construção de conhecimentos, da democratização do saber, vem oferecendo um espaço educacional para esse segmento da população. Desse modo, a universidade no alargamento de sua função social, tem procurado inserir a participação de longos como alternativa para construção e efetivação dos direitos sociais e políticos desses cidadãos.

Voltar aos estudos, às leituras ou aos bancos escolares, é um meio de recuperar a autoestima, de sentir-se integrado à sociedade, de realizar-se como pessoa. Uma grande aliada, nesse sentido, têm sido as Universidades da Terceira Idade, que oferecem oportunidades educacionais à população idosa, independente do seu grau de instrução.

De acordo com Sato (2008), Carvalho e Garcia (2003), a expressão longevidade está relacionada ao número de anos vividos pelo sujeito. Ao longo dos anos, sucedem perdas e ganhos na vida de uma pessoa. O discurso da

longevidade fundamenta-se pelo modo como deve ser encarada, experimentada. E não apenas desejar viver por anos e anos, a longevidade vai além dos anos vividos. A atenção dedicada ao cuidado com a alimentação, a prática de atividades intelectuais, físicas e de lazer, possibilitam uma vida mais harmoniosa, levando ao aumento da longevidade. Percebe-se que, os indivíduos com uma boa base de vivência, experiência e conhecimento podem contribuir através dos estudos, das pesquisas, e das reflexões direcionados em benefício próprio.

Segundo Freire (1997), na sociedade pós-moderna, a longevidade não cabe mais estar relacionada a “características negativas, em que pesam às doenças e as incapacidades”. Frente ao contexto do fenômeno da longevidade, percebemos que tem suscitando a novos estudos e pesquisas que respondam e contribuam com a qualidade de vida do segmento etário de longevos na sociedade contemporânea.

A longevidade deve ser ressaltada pela capacidade do indivíduo de aprender a viver de modo contínuo, em estado de mudança. O longo que continua a construir novos projetos de vida procura capacitar-se, estudar para se manter ativos, busca o conhecimento em novos espaços de aprendizagem, ou seja, quer ser útil e incluir-se ativamente na sociedade.

Segundo Delors *et al* (1999), a educação acontece ao longo de toda a vida. Nessa perspectiva, vale ressaltar que, a educação continuada é entendida como um processo que deve acontecer ao longo de toda a vida. Por sua vez, este procedimento oferece a possibilidade de aprendizagem constante, permitindo a atualização do indivíduo. Em 2000, o autor apresenta o relatório da Comissão Internacional da Educação para o Século XXI da UNESCO. O referido relatório evoca a sociedade, quando declara a importância da volta à escola, tendo como objetivo, a preparação para acompanhar as inovações, e a evolução tecnológica que interferem na vida pessoal e profissional dos indivíduos.

No relatório, são destacadas cinco maneiras de aprendizagem instituídas como pilares do conhecimento, direcionadas a cada cidadão ao longo de sua existência humana: aprender a ser, para um melhor

desenvolvimento da personalidade humana e maior poder de autonomia; aprender a conhecer, com aquisição de novos instrumentos de compreensão; aprender a fazer, para adquirir competências, para poder atuar sobre o meio envolvente; aprender a viver junto, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento (ALVES, 2008). Ainda segundo o autor, todos os pilares merecem a mesma dedicação, em que o foco é tornar a educação uma experiência plena ao longo de toda a vida, e que os sujeitos a procura desses conhecimentos e informações cada vez mais serão invocados a retornarem aos espaços de aprendizagem.

Para a população longeva o interesse de retornar à escola, acontece na aposentadoria em que existe um tempo disponível para se congregar, criar espaços, tornar visíveis suas reais necessidades e ser capaz de elaborar seus próprios conhecimentos para atuar em sociedade. A longevidade humana traz essa conscientização de que não adianta um corpo vigoroso e saudável sem um cérebro trabalhado (LIMA, 2001). A educação é uma prerrogativa, e uma possibilidade importante para qualquer idade: o homem pode, e consegue aprender por toda a vida.

É necessário irromper com esse pensamento de educação/aprendizagem situado apenas em certas etapas da vida, pois enquanto existir esse tipo de pensamento arraigado na sociedade, não se reconhece a relevância da aprendizagem à faixa etária da terceira idade (CÂMARA, 2006). Considerando que muitos são os desafios que envolvem a Educação Continuada no Brasil, a mesma tem despertado entre os educadores e pesquisadores uma dedicação especial a essa temática.

Na visão de Lima (2001), a aprendizagem do longevo tem a possibilidade de desenvolver suas potencialidades, agir e pensar de maneira diferente, compreender e encara desafios que anteriormente pareciam insuperáveis. Neste contexto, é possível acreditar que o longevo consciente se diferencia dos demais quando desenvolve a capacidade de questionar e contextualizar. Nessa perspectiva, a Educação Continuada contribuirá para um

novo significado do processo de envelhecimento, por parte do longevo o qual passa a experimentar um bem viver com qualidade.

Both (2000), e Sato (2008), solicitam que na sociedade contemporânea, a longevidade seja capaz de tornar-se espaço adequado e respeitado, assim como os espaços da juventude e da vida adulta.

Segundo Lima (2001), para que o processo de aprendizagem aconteça de forma satisfatória, é primordial o respeito aos saberes existentes do longevo, desenvolver suas potencialidades e habilidades além da participação no processo educacional. Por essa razão, considero que o processo de aprendizagem do longevo deve ser planejado, com interferências pedagógicas que considerem o ritmo, interesses e necessidades desses longevos. Ainda segundo o autor supracitado, faz a seguinte colocação, o indivíduo terá um entendimento da importância da Educação, a qual está ligada a experiências culturais, ideológicas, históricas e sociais que fazem parte do seu cotidiano.

A Educação Continuada possibilita ao longevo, acompanhar a sociedade em suas descobertas e usufruir do sucesso resultante das conquistas de forma solidária e ética. Esta é a única abertura ao conhecimento para todos, inclusive aos longevos. Demo (2004), alerta para a relevância do investimento nas potencialidades, e na aprendizagem dos sujeitos em busca por um envelhecimento salutar. Para esse autor, é possível direcionar um conhecimento crítico, criativo, como condição essencial de liberdade e qualidade de vida dos cidadãos.

Adicionando informações quanto à compreensão sobre a Educação Continuada e a Longevidade, o pensamento de Paz (2001), ressalta a valorização, a memória, os acontecimentos e histórias dos idosos, observa que o reconhecimento da sociedade é uma contribuição às gerações futuras e um direito de todo cidadão. Para Cachioni (2002), a Educação Continuada para longevos é uma resposta inovadora para os novos desafios e demandas sociais. Nesse contexto, a Educação Continuada, seguramente significa uma enorme possibilidade para promoção e transformação cultural dos seus participantes. Portanto, se pensada no contexto de educação continuada ao

longo da vida, seguramente significa um enorme progresso para promoção de transformação cultural valorização dos longevos.

4 GERONTOLOGIA E A INTERDISCIPLINARIDADE

Para os profissionais que atuam na área da educação, o desafio é reconsiderar determinados conceitos acerca do desenvolvimento do homem e admitir o envelhecimento como um tempo vantajoso com prerrogativas para possibilidades de crescimento e aprendizagens expressivas (BOTH, 2006). Para os profissionais da educação, recentemente, a Gerontologia é a área da ciência que se dedica a estabelecer os fundamentos relacionados à educação dos idosos.

Em 1903, o médico russo Metchinikoff residente nos Estados Unidos, utilizou pela primeira vez o vocábulo Gerontologia. Segundo Neri (2007), a palavra Gerontologia originada do grego *gero*, significa envelhecimento e *logia* estudo. A autora define a gerontologia como a ciência que investiga a sistemática do processo de envelhecimento. Foram estabelecidos os fundamentos para uma abordagem clínica, enquanto a Geriatria apresenta-se como especialidade médica. Em face disso, o processo de envelhecimento tornou-se objeto de pesquisas, sobretudo por tratar-se de um fenômeno complexo, onde passou a envolver um olhar multidimensional.

Na atualidade, compreendo que é relevante refletir sobre as questões ligadas à velhice e ao processo de envelhecimento, o que significa um desafio para pensadores e pesquisadores de diferentes campos. Não se pode negar, que em face da velhice como fenômeno social, a gerontologia vem aumentando e se convertendo num campo especializado do conhecimento e de interposição que reuni profissionais de em distintas disciplinas e profissões.

Segundo Ribeiro (2015), a batalha por uma esperança mais positiva do envelhecimento começou a reunir forças, na oportunidade foram percebidos uma separação entre os estudiosos em gerontologia que sustentavam a velhice como uma etapa de danos. Por outro lado, segundo a autora, com o passar do tempo, surgiram defensores de novos argumentos que envolvem essa etapa com possibilidades da sustentação por um engajamento ativo com a vida.

Gerontologia, segundo Salgado (1980), estuda o processo do envelhecimento humano, com fundamentos advindos das áreas da saúde de

biológicas, comportamentais e sociais. Rodrigues e Rauth (2002), explicam que a gerontologia não é uma disciplina uniforme, e sim, a reunião de diferentes disciplinas científicas que se correlacionam no mesmo campo. Para os autores é preciso investir em estudos interdisciplinares, construindo conhecimentos distintos acerca do longo e os acontecimentos da velhice e do envelhecimento. A Gerontologia se propõe a examinar aspectos referentes, também, a contextos familiares e satisfação vivencial, sobretudo questões ligadas a aposentadoria, moradia e institucionalização (FRAIMAN, 2004).

Para Neri (2008), a gerontologia é uma área de pesquisa que indaga as experiências de velhice e do envelhecimento em distintas situações socioculturais e históricas, reunindo características do envelhecimento considerado normal, assim como patológico. A autora declara que a gerontologia, tem por objetivo esclarecer as transformações que caracterizam o processo de envelhecimento a partir de fatores genéticos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Portanto, o surgimento da gerontologia enquanto ciência é por excelência interdisciplinar, em que o objeto a ser pesquisado em hipótese alguma poderá vir a ser fragmentado.

A gerontologia estuda o fenômeno do envelhecimento quando este se constitui em novo elemento do conhecimento científico. Por se tratar de uma área interdisciplinar, a gerontologia tem invalidado antigos princípios disciplinares de origem e construído suas próprias definições (ALVES, 2010).

Segundo Ribeiro (2015), quando a luta por uma perspectiva mais positiva da velhice começou a ganhar forças, verificou-se uma divisão dos estudiosos em gerontologia que mantinha de um lado os defensores da velhice como uma fase de perdas e do outro os defensores da velhice como uma fase de perdas e de outro os novos argumentos sobre esse período com possibilidades da manutenção no engajamento ativo com a vida.

A Gerontologia trabalha na criação de novas estruturas conceituais que ao romperem com os fundamentos disciplinares de origem são recombinadas e sintetizadas de forma que confluem para essa nova ciência.

Recentemente, por um olhar interdisciplinar, a gerontologia tem contribuído para a construção do conhecimento e formação profissional. Para

fundamentar a fala da pesquisadora, trago para o cerne dessa questão, o pensamento de Cahioni (2002), a interdisciplinaridade é eficaz quando se apresenta em propostas para a formação de recursos humanos.

Por conseguinte, Paviani (2005), explica que a interdisciplinaridade caminha para além da quebra entre os conteúdos, na intenção de aliar teoria à prática aproximando-se dos diversos campos, e suas peculiaridade em relação a realidade. Nesse viés de entendimento, considero que a interdisciplinaridade se adequa a uma nova consciência, um novo olhar, um modo de pensar, em que saberes distintos são compartilhados de maneira mútua.

Nesse contexto da Gerontologia e da Interdisciplinaridade, destaco as diferentes contribuições de algumas áreas do conhecimento, que indicam possibilidades de colaboração interdisciplinar para atualização e conhecimentos dos longevos. Assim como os profissionais que atuam nos distintos campos do conhecimento, a saber, a fisioterapia, a educação física, a enfermagem, a psicologia, o serviço social, da educação, entre outros.

A área da enfermagem tem se dedicado a interagir no contexto interdisciplinar da gerontologia no sentido de contribuir para minimizar os desafios colocados nessa etapa da vida. Nos cursos de graduação em enfermagem, os conteúdos e pesquisas acadêmicas já dedicam uma atenção à pessoa idosa, por uma melhor avaliação clínica, por maior atenção aos sinais vitais, por um acompanhamento das prescrições de medicamentos. A enfermagem pode contribuir para o bem-estar do idoso a partir da sua assistência e cuidado orientado para uma qualidade de vida saudável.

O campo da Fisioterapia, seus estudos e práticas envolve a saúde do longevo como um todo, em ações preventivas e reabilitativas de patologias, minimizando os achados patológicos em consequência do envelhecimento, e propiciando melhoria na qualidade de vida, independência, autonomia do autocuidado no dia a dia do longevo.

Por conseguinte, a Educação Física, também tem contribuído de maneira eficaz, e contribuindo positivamente para um envelhecimento saudável. Os benefícios fisiológicos gerados pela atividade física fazem toda a diferença nessa fase da vida do indivíduo, por retardar e/ou controlar doenças

crônicas a exemplo: diabetes, hipertensão, dores crônicas, embora saibamos que isso faz parte do processo de envelhecimento funcional do indivíduo.

Ainda nesse contexto destacamos a área da psicologia a partir da reflexão a Ribeiro (2015), quando diz que os pressupostos teóricos, e as pesquisas em Psicologia do Envelhecimento se dedicam a explicar a manutenção da capacidade de adaptação frente às demandas de novas estratégias de intervenção voltada à velhice. Portanto, a Psicologia do Envelhecimento, se propõe a dar um suporte que promova contribuições satisfatórias para a gerontologia, na prevenção do envelhecimento saudável. Segundo a autora supracitada, a psicologia do envelhecimento envolve um conjunto de técnicas direcionadas a promoção da saúde, para o tratamento precoce de declínios físicos, emocionais e cognitivos, especialmente a saúde mental do longevo. Segundo Ribeiro (2015), na Psicologia do Envelhecimento, destacam-se estratégias de prevenção de um envelhecimento saudável que possibilitam uma maior autonomia e funcionalidade cognitiva do longevo. As estratégias também valem para quadros patológicos já estabelecidos, vejamos: a prevenção do suicídio, em quadros de depressão, do isolamento social, de perdas da independência, do stress, da sobrecarga e desestruturação de núcleos familiares. (RIBEIRO, 2015).

Para reforçar ainda mais essas considerações elencadas pela autora supracitada, trago a definição sobre envelhecimento saudável, segundo a Organização Mundial da Saúde (2005), o envelhecimento saudável é o processo de otimização da saúde, participação e segurança, com a intenção de favorecer a qualidade de vida a todo indivíduo que enfrenta o processo do envelhecimento.

O campo do Serviço Social tem contribuído com o fenômeno do envelhecimento dedicando-se ao acompanhamento efetivo das políticas públicas a pessoa idosa, políticas essas que asseguram à proteção dos direitos e garantias sociais instituídos em lei no âmbito municipal, estadual, e federal dedicada a pessoa longeva. O Serviço Social contribui de modo relevante dedicando-se a produção de novos saberes relacionados à sua integridade física, emocional, à sua integração participativa nos diversos grupos

sociais. Desenvolver o papel de intermediador é uma característica marcante dessa área do conhecimento em relação às políticas sociais e as garantias dos direitos dos longevos, quando interferem nos casos de desordens ligados a questões do fenômeno do envelhecimento, da inserção desse grupo etário por meio de instrumentos que fortalecem o longevo enquanto cidadão político que se apropria do bem-estar social no seu cotidiano.

De acordo com Severino (1989), no campo da educação, a interdisciplinaridade surge a partir de preceitos de reorganização de arcabouços pedagógicos, estabelecendo que suceda a integração entre diferentes áreas, sobretudo na transmissão dos conhecimentos e no relacionamento entre as disciplinas, seus conceitos e suas epistemologias, tudo a favor da uniformidade do conhecimento que nessa direção, educação contribui para o fenômeno do envelhecimento com uma nova percepção interdisciplinar. Assim o que desejamos, é que haja uma permuta de um conhecimento fracionado, por um conhecimento único, influenciando no ensino, na pesquisa, e na extensão direcionado para a população idosa. Numa perspectiva de Educação Continuada direcionada para longevos, contribui ao possibilitar novos contextos e locais de aprendizagem, com finalidades, conteúdos, e metodologias diferenciadas, dando atenção às necessidades dos longevos, e da população que envelhece.

No sentido de direcionar maior atenção ao segmento populacional de longevos, considero importante, algumas experiências inovadoras no campo da Educação Continuada em Universidades, com ofertas de cursos de graduação, e pós-graduação em gerontologia. Contudo, chamo atenção para os objetivos a que esses cursos se propõem, à construção de suas estruturas curriculares, para que não sejam meramente a reunião de conteúdos programáticos, e fora de contextos, ou tão somente, a utilização de técnicas voltadas esse campo do conhecimento. Consequentemente, a função da gerontologia é capacitar o profissional que realmente conceba o processo de envelhecimento, e dando a devida atenção a população de longevos, fundamentado nos conhecimentos das ciências biológicas, humanas e exatas (MOTTA, 2012).

Portanto, a variedade de especialidades e profissionais que constituem a gerontologia do envelhecimento tem contribuindo com conhecimentos específicos nesse campo, enquanto condição etária, com características exclusivas que requer tratamentos especializados. Para corroborar com essa afirmação, trago o pensamento de Neri e Cachione (2007), em face das novas demandas sociais, a gerontologia possibilita a interação com outras áreas multiprofissionais. Ressalvo que a Gerontologia tem se sobressaído e conquistado espaço enquanto ciência com característica interdisciplinar, por envolver diversas disciplinas. Vejamos alguns exemplos de áreas que se dedicam a esse segmento conforme suas competências: a deterioração física e biológica é confiada à geriatria, especialidade da medicina; reconhecimento de cidadania, a não inclusão, a ausência de função social, a sociologia; a falta de garantias, ao direito; a depressão, a solidão, a psicologia; a idade cronológica, a demografia.

Na atualidade, as questões ligadas à velhice e ao processo de envelhecimento, representam um desafio para estudiosos e pesquisadores de diferentes áreas. Graças à emergência da velhice como fenômeno social, a gerontologia vem crescendo, e se transformando numa área especializada do saber e de intervenção que agrega profissionais de diversas disciplinas e profissões. Nessa perspectiva se insere a Educação Gerontológica como um campo interdisciplinar.

Para Papaléo Netto (1996), seria interessante a criação de uma área que envolvesse de forma ampla, a gerontologia, cuja denominação seria a Ciência do Envelhecimento. O autor defende que esse campo tem como objetivo reunir pesquisas que fortalecem a discussão de assuntos relativos ao envelhecimento. É oportuno citar o autor Siqueira (2001), que aponta a Gerontologia Educacional como a modalidade teórica do envelhecimento numa perspectiva social que se dedica ao desenvolvimento de estudos para o público em foco. A discussão na área da Gerontologia Educacional paira sobre quais devem ser o conteúdo, e o formato da educação dirigida a longevos, e como deve ocorrer a formação de recursos humanos para realizá-la.

Assim, Motta (2012), defende mudanças nos objetivos, conteúdos e métodos, conforme as necessidades dos longevos, e da sociedade que envelhece, deve ser a proposta da Gerontologia Educacional dirigida a esse grupo etário, incluído numa perspectiva de Educação Continuada.

4.1 Gerontologia Educacional

A interdisciplinaridade aos poucos vem minimizando a insegurança entre os praticantes e teóricos dos campos da Educação e da Gerontologia. Por conseguinte, a Educação, e a Gerontologia têm construído tessituras em suas relações, a ponto de emergir a Gerontologia Educacional. A discussão paira sobre quais devem ser os conteúdos e o formato da educação dirigida a longevos, e como deve ocorrer a formação de recursos humanos para atender a esse segmento etário.

Ao referir-se sobre a expressão Gerontologia Educacional, Cachione e Neri (2004), relatam que a mesma foi pronunciada pela primeira vez em 1970, por David Peterson a partir de um curso de Doutorado em Gerontologia na Universidade de Michigan. A autora explica que em 1976, o teórico definiu a “Gerontologia Educacional” como um campo responsável por estudos e práticas de atividades de ensino direcionado a pessoas já envelhecidas, e/ou em processo de envelhecimento. Novamente, autora, esclarece que em 1980, o mesmo teórico redefiniu a Gerontologia Educacional com a intenção de colocar em prática o que se sabe sobre a educação, e o envelhecimento, em benefício do aumento da expectativa da longevidade e avanço na qualidade de vida da pessoa idosa. Nesta linha de pensamento, David Peterson complementa a definição em Gerontologia Educacional da autora supracitada, quando este classificou a Gerontologia Educacional em três conteúdos, a saber: educação para os idosos; educação para a sociedade em geral sobre as questões da velhice; e a formação de pessoas para o atendimento aos longevos.

As autoras assinalam que na Inglaterra os fundamentos que constituem as teorias educacionais, explanam que a Gerontologia Educacional tem como foco o processo de aprendizagem que envolve adultos maduros, e está direcionada para formação de recursos humanos em gerontologia.

Sobre esse aspecto Vital (2005), evoca ser necessária uma formação adequada em gerontologia para suprir as novas necessidades dos idosos, e aos aspectos relacionados ao envelhecimento no âmbito da educação de “adultos maduros e idosos” a partir da instrução, e da capacitação de pessoas que prestem serviços profissionais voltadas a este segmento etário. Os autores Cachioni (2002), Gonçalves (2003), Vital (2005), e Leão (2008), compartilham o mesmo entendimento sobre a necessidade da formação de profissionais para atuarem junto aos longevos, da capacitação técnica de recursos humanos, da formação e qualificação de pesquisadores. Portanto, compreendemos que a formação na área da Gerontologia Educacional é importante, e faz a diferença ao articula-se com o papel dos profissionais que atuam com esse segmento etário. É interessante frisar que os estudos em Gerontologia Educacional são incipientes, vem sendo desenvolvido relativamente a pouco tempo, se compararmos com outras áreas do conhecimento. A Gerontologia educacional se expande no âmbito da educação para o longevo, na intenção de formar profissionais para lidar com o fenômeno do envelhecimento, por mudança de perspectivas nas sociedades em relação aos longevos e a velhice (CACHIONI, 2008).

A formação de profissionais em Gerontologia, principalmente a formação de profissionais habilitados para trabalhar como esse público em tela, é relevante para a sociedade, não só pelas vantagens que podem suceder para os idosos, sobretudo para “provocar transformações culturais quanto ao entendimento acerca do envelhecimento”. (CACHIONI E NERI, 2004).

Uma formação em Gerontologia não deve somente reunir conteúdos e profissões, para formação de um novo profissional, capaz de entender o fenômeno do envelhecimento, no sentido de dar atenção a uma demanda que seja baseada nos conhecimentos das ciências biológicas, humanas e exatas (PAVARINI, 2005). Na mesma linha de opinião, Cachioni (2008), corrobora com

esta questão, e acrescenta que na Gerontologia Educacional a discussão se estabelece sobre quais devem ser o conteúdo e o formato da educação dirigida aos idosos, e de que maneira deve acontecer a formação profissional.

Complementando essa discussão, é importante acentuar ao campo da Gerontologia o pensamento de Mirabelli (2015), pois os que esperam desenvolver “trabalhos educacionais” junto a longevos, tanto na educação formal ou informal, devem ter em mente as considerações relacionadas à vivência, a linguagem, a projetos de vida, a bagagem cultural do grupo etário envolvido. Nas palavras da autora, as propostas de trabalho podem ser direcionadas a esse público, e devem ser compartilhadas por meio do diálogo com os longevos para que sejam compatriotas de uma aprendizagem significativa.

Assim, destaca-se a relevância da educação demonstrada na assimilação de que o indivíduo, em qualquer idade exerça sua cidadania, e esteja pronto para aproveitar a vida de maneira digna, absoluta.

Por fim, Bissoli e Cachioni (2011), frisam bem ao afirmar que a formação de profissionais em Gerontologia está estritamente ligada à qualidade de vida na velhice. Portanto, isso é resultado da relação entre as condições físicas, emocionais, comportamentais e ambientais da pessoa longeva.

Na análise de Manning (2003), uma proposta de mudança seria necessária em face do modelo tradicional da Gerontologia Educacional, em que a prática diz respeito ao adestramento do longevo e não a sua liberdade e autonomia. Para o autor, a alternativa seria “um projeto educativo e moral, transformador e libertador”.

Apesar dos avanços em relação ao papel dos longevos, percebemos na sociedade brasileira uma escassez de estudos sistemáticos que proporcionem um maior entendimento sobre a importância da participação dos idosos em Universidades. Para Sobral (2001), as necessidades dos longevos incluem a participação social, a cultura, a busca de atualização, e também aos novos conhecimentos, o que vai muito além da ocupação do tempo livre.

Cachioni e Palma (2006), mencionam que a aceitação da velhice com tranquilidade perpassa por um processo educativo, que tem início na

infância, sustentada pela conscientização, sensibilização mediante uma nova posição do longo, na família, no mundo do trabalho, e na sociedade.

Usando o pensamento de Both (2006), o mesmo reconhece o processo educacional “como um lugar mediador e preventivo para uma velhice bem-sucedida. Nessa perspectiva, o autor supracitado defende que professores podem desenvolver habilidades desde que estejam capacitados para lidar com alunos, e concomitante com as competências acadêmicas que favoreçam um estilo de vida mais saudável”. Uma vez que envelhecemos enquanto vivemos, sendo assim, a Educação Gerontológica pode ser desenvolvida durante todo o processo da educação formal do indivíduo, completa Andrade (2013).

Como enfatiza Cachione e Neri (2004), a Educação Gerontológica reuni conhecimentos sobre o envelhecimento, a educação com a finalidade de aumentar a saúde, a produtividade do idoso, e por uma melhorar qualidade de vida daqueles que envelhecem. O mesmo autor destaca que existem programas oferecidos por meio de cursos regulares, dentre estes, estão os programas que compreendem cursos adequados ou modificados para atender aqueles que envelhecem. Outros programas são planejados de maneira específica e exclusivamente para a população longo. Estes programas, por sua vez, são ministrados à parte de outros cursos e geralmente são ofertados de uma maneira mais adequada a essa população etária.

Para Palma (2000), as atividades que compreendem um programa para longos devem ser planejadas de modo a responder às preocupações destes. Desse modo, entendo que a educação é uma questão social, quando os programas direcionados a esse público devem ser interativos, em face dos objetivos previamente formulados, como também em torno dos problemas, das necessidades, das expectativas, e das motivações dos longos.

A Educação Gerontológica, é compreendida por Sobral (2001), como um campo que se interessa por questões ligadas a liberdade, e a subjugação de longo. Percebida como tal, ser possível desenvolver um novo estilo educacional que possibilite a reflexão acerca de questões próprias dessa etapa da vida.

Alves e Viana (2010), advogam a necessidade de projetos que promovam o debate nos espaços de aprendizagens nas questões relacionadas aos idosos, sobretudo em questões intergeracionais. Portanto, simbolizam a possibilidade de participação na construção do seu próprio crescimento enquanto cidadãos. Além disso, os autores chamam atenção para o conceito de Educação Continuada, pois é ela quem promove a sustentação para essas intervenções, em razão da educação e da aprendizagem apresentarem características contínuas e acumulativas na formação do indivíduo.

A educação de longevos apresenta-se como ação contínua, com novas contribuições crítico reflexivas de questões que surgem nessa etapa de vida, além do incentivo ao desenvolvimento de habilidades e a criatividade dos aprendentes longevos. A propósito, Alves (2007), complementa que a educação para longevos sugere escutar o outro, compartilhar memórias, reconhecer as conquistas. Na sociedade contemporânea, na qual a diversidade de conhecimentos e informações é uma realidade, a educação continuada torna-se essencial também para todos os que vivenciam o processo de longevidade.

A relação entre a educação e processo de envelhecimento nos remete ao seguinte pensamento, é positiva a oferta de cursos direcionados a longevos, a exemplo dos programas de universidades abertas para a terceira idade. De acordo com Mirabelli (2015), diversas pesquisas bibliográficas demonstram que o trabalho educacional desenvolvido com o longevo que forma uma das áreas pouco investigadas no campo da Gerontologia em que a maioria dos estudos está relacionada ao campo da saúde. Todavia, essa comprovação não inviabiliza que reconheçamos que atualmente já existem ações na tentativa de problematizar a congruência no que concerne educação e envelhecimento (MIRABELLI, 2015).

5 UNIVERSIDADE ABERTA PARA A TERCEIRA IDADE

A partir do século XX, precisamente na década de 1960, surgiu na França a Faculdade de Tempo Livre como um espaço de convivência cultural e de sociabilidade que preenchia o tempo disponível da população longeva. Essa instituição foi pioneira na concepção de Universidade da Terceira Idade. A primeira experiência concreta deu-se na cidade de Toulouse, em 1973, com Pierre Vellas à frente da *Université du Troisième Âge*. Para Guedes (2006), essa iniciativa surgiu com objetivo diferenciado de uma simples continuidade educacional formal, pautada nas necessidades próprias dos idosos, buscando retirá-los do isolamento. Segundo a autora, na concepção de Pierre Vellas, as Universidades Abertas deveriam ser basicamente instituições de saúde pública buscando promover melhorias nos índices de saúde física, mental e social dos longevos, bem como oferecer a esse público programas e atividades adequadas a esse público.

Palma (2000), afirma que: “ à Universidade Aberta buscava oferecer aos longevos, possibilidades para experimentar e vivenciar de modo integral sua condição e mudar a concepção negativa que a sociedade tinha a seu respeito”. Complementando a assertiva, Pacheco (2006), ao destacar que a iniciativa tinha por objetivo organizar espaços de convivência social, e cultural para ocupação do tempo livre, com melhores possibilidades de condições de vida dos longevos franceses.

Para Teodoro (2006), as Universidades Abertas à Terceira Idade, a princípio foram caracterizadas pela ambiguidade de se apresentarem como centros de produção de conhecimentos e lugar designado às atividades culturais e sociais.

Trago para esse debate, o exemplo da Universidade Aberta de Toulouse, que desenvolveu uma programação com atividades livres. Contudo, não se configurava em um programa, tratava-se apenas de um conjunto de eventos como palestras, debates e seminários. O modelo francês de Universidade Aberta tem suas bases no sistema tradicional universitário daquele país, em que privilegia o segmento etário de longevos. Entretanto,

havia uma preocupação em dar atenção às outras faixas etárias, que também já se preocupava com o envelhecimento, ou mesmo a procura de novas oportunidades de educação continuada (PACHECO, 2006).

O autor destaca que, um elevado número de alunos como jovens aposentados, indivíduos que não tiveram acesso à universidade, pessoas livres de suas obrigações de criação dos filhos, ou do trabalho cotidiano, constituíam um conjunto de pessoas na faixa etária entre 40 e 60 anos, e que forçaram esses programas a aceitá-los como alunos. Hoje, um grande número de programas também tem como participantes pessoas não pertencentes à faixa etária de longevos.

Alguns programas educacionais ao utilizarem a idade como critério de entrada reforçam ainda mais a periodização da vida humana, gerando novos obstáculos sociais e fortalecendo o pensamento de que o indivíduo possui fases próprias de vida para esta, ou aquela ação, como se as etapas de desenvolvimento fossem naturais e esperadas (DEBERT, 1998; PACHECO, 2006).

Outra instituição que implantou uma programação anual para longevos, segundo Guedes (2009), foi a Universidade de Terceira Idade de *Nantèrre*, próximo a capital francesa. Essa instituição organizou um curso com uma programação anual, para alunos longevos não graduados, com ofertas de acesso a esse público, o que possibilitou o contato intergeracional, enriquecendo as relações dos distintos segmentos etários. É relevante destacar, que essa universidade permitiu o acesso às pessoas dessa faixa etária, possibilitando a participação em cursos, sem a cobrança de certificados ou qualquer tipo de teste.

Em vista desse contexto, as Universidades Abertas ampliaram suas atividades educativas desenvolvendo estudos no campo da gerontologia, ganhando apoio institucional, e encontrando neste espaço privilegiado, vasta área de pesquisa, contribuindo para o aumento dos níveis de vida e de saúde de seus alunos longevos.

Segundo Teodoro (2006), no final do século XX na década de 1970, em virtude do sucesso da Universidade de Toulouse, as Universidades Abertas

trabalhavam de maneiras diferentes, algumas pertenciam a equipe da universidade tradicional, e/ou vinculadas a campus universitários, e outras pertencentes a associações particulares.

Conforme Guedes (2006), a partir da década de 1980, uma geração de alunos formada por aposentados mais jovens e escolarizados, passaram a demandar por cursos universitários formais, com direito a disciplinas e certificados, em que idosos mudaram sua condição de simples consumidores à de produtores de conhecimento.

Cachioni (2002), menciona como modelo a instituição suíça - a Universidade da Terceira Idade de *Neuchâtel*, na qual foram desenvolvidos tipos diferentes de pesquisas, com participação de longevos: pesquisas realizadas para longo tempo, pesquisas realizadas com os longevos e pesquisas realizadas pelos longevos. Essa experiência foi ampliada para diversos países, tornando-se referência mundial.

Para Pacheco (2006), o movimento das Universidades Abertas também aconteceu nos Estados Unidos, e em países europeus, a exemplo da Inglaterra. O modelo inglês surgiu na Universidade de Cambridge, em 1981, e foi pautado no ideal da autoajuda. Tal experiência, produziu oportunidades aos integrantes quanto a manutenção da sua competência e do sentimento de autovalorização de forma mais prolongada.

Cabe dizer, que entre os dois modelos de experiências de Universidades Abertas à Terceira Idade, o francês e o inglês Pacheco *et al* (2004), afirmam que entre os dois modelos de experiências de Universidade Abertas a Terceira, o modelo inglês oferece vantagens tais como: reduzido custo, facilidade de acesso, métodos e currículos flexíveis, vasta oferta de disciplina e sem restrições para a participação. Por outro lado, o modelo francês se caracteriza pelo alto custo financeiro para os integrantes, além da limitação de acesso no que diz respeito ao nível de formação, embora, propicie a convivência entre gerações de faixas etárias diferentes, e a criação de espaços de promoção de convívio e sociabilidade entre essas pessoas (PACHECO *et al*, 2004).

De acordo com Guedes (2006), no Brasil, na década de 1960, o trabalho educacional com longevos, teve início com o Serviço Social do Comércio (SESC), o qual começou com a criação de Grupos de Convivência, experiência adotada a partir do modelo das Escolas Abertas para a Terceira Idade. Para Frutuoso (1996), “ os comerciários aposentados do SESC de São Paulo almoçavam no restaurante da instituição e por lá ficavam batendo papo e lendo jornal; logo lhes foi cedida uma sala para jogos e televisão”. Pois bem, a partir desses encontros rotineiros nasceu a concepção dos grupos de convivência que se propagaram por todo o país.

A proposta do SESC possibilitou o acesso de aposentados das diferentes categoriais profissionais aos Grupos de Convivência. Para Teodoro (2006), o projeto pioneiro do SESC, tinha como foco “ incentivar a participação de longevos aposentados em atividades socioculturais e físicas que contribuíssem com a conservação e atualização da atividade intelectual, a educação continuada e construção de relações com outras gerações”. A iniciativa pioneira do SESC motivou o surgimento de diversas entidades em todas as regiões do país, e a criação de vários espaços de convivência, provocadores de discussão e pesquisa sobre o fenômeno do envelhecimento e da velhice. Segundo Teodoro (2006), no ano de 1977, o intercâmbio entre o SESC e a Universidade de *Toulouse*, onde gerontólogos da instituição francesa, contribuíram com os técnicos do SESC na criação da primeira “*Escola Aberta para a Terceira Idade*”, sendo referência para criação de outras entidades em várias regiões do país.

A partir de 1982, em Florianópolis, a Universidade Federal de Santa Catarina criou o Núcleo de Estudos da Terceira Idade. Essa instituição ofereceu cursos de extensão, e também organizou o primeiro programa universitário brasileiro idealizado com o objetivo de realizar estudos, propalar conhecimentos técnicos- científicos acerca do envelhecimento, formar recursos humanos e promover o cidadão idoso (CACHIONE, 1998).

Para os autores Pacheco (2006), e Teodoro (2007), a Universidade Aberta à Terceira Idade que mais se aproxima ao modelo francês, é a Faculdade de Serviço Social da PUC de Campinas, São Paulo, criada no ano de 1990.

Outra experiência que merece ser citada, é a da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que em 1988, deu início ao “Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI-UERJ)”. (PACHECO, 2006).

Em São Paulo, existem as experiências de Universidades às Abertas para a Terceira Idade, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – UNATI/PUC/SP, fundada em 1991, e também a Universidade Aberta à Terceira Idade do Estado, foi criada a partir de um projeto da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP), tendo como modelo o desenvolvimento de cursos regulares de graduação em suas unidades, complementando o seu programa através de atividades especialmente dirigidas aos longevos.

Recorremos, novamente, a Cachione (1998), em que, a mesma cita a Universidade Aberta para Terceira Idade da Universidade São Francisco “contribuiu para as concepções de envelhecimento bem-sucedido, com base no bem-estar subjetivo e na formação da autoimagem de seus participantes”. A autora destaca que o projeto de Educação Continuada proporcionou o debate de concepções e percepções sobre a difusão de ideias acerca da velhice, desprotegido de intolerâncias, e que contribuiu para a revelação dos longevos acerca das suas reais necessidades e a relevância da participação desse segmento etário no espaço educacional.

Várias outras Universidades Aberta à Terceira Idade funcionam em diversos estados brasileiros. Em pesquisa realizada em sites de busca direcionados para instituições de ensino superior no mês de abril de 2012, foram identificados cursos ofertados à população de longevos nos Estados brasileiros: Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e Sergipe. No Estado do Maranhão, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em parceria com a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) desenvolve um programa de extensão destinado à Terceira Idade.

Para Cunha (2008), a contribuição dada pelas Universidades Abertas à Terceira Idade, tem proporcionado de forma decisiva, para a

melhoria da qualidade de vida do idoso. A autora complementa seu pensamento, afirmando que estes programas apresentam como missão o resgate social, cultural e moral do cidadão longevo, mantendo-o atualizado por meio de uma educação continuada e possibilitando o acompanhamento das transformações, nos avanços científicos, tecnológicas que tem ocorrido na sociedade.

É interessante destacar que as Universidades Abertas à Terceira Idade, além de privilegiar a educação não formal, caracteriza-se pelo encontro geracional, criando uma cultura universal de direitos humanos, fortalecendo aos direitos e liberdades fundamentais do indivíduo, com respeito às diferenças, atitudes de tolerância, a amizade, a solidariedade e a fraternidade para com os semelhantes. (OLIVEIRA, 2010; MACÊDO, 2012).

5.1 Universidade Integrada da Terceira Idade na Universidade Federal do Maranhão (UNITI/UFMA)

A Universidade Federal do Maranhão, em 30 de outubro de 1995, deu início a um Programa de Extensão em Educação Continuada, a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNITI), oferecendo à população longeva atividades que lhes possibilitem fortalecer a participação social, política, a atualização cultural, favorecendo o exercício de sua cidadania, e conseqüentemente proporcionando ao longevo a oportunidade de contribuir e compartilhar suas ideias, dessa forma, conquistar uma posição harmoniosa seja nos grupos sociais, como também na comunidade, e na família (FREIRE, 1997).

A Universidade Federal do Maranhão – (UFMA) é uma instituição de ensino superior que oferece cursos de graduação, pós-graduação e extensão universitária. Possui diversos Campis nos municípios maranhenses de Imperatriz, Grajaú, Caxias, Açailândia, São Bernardo e Pinheiro.

Observamos em notícia publicada po Unitaçailância (2010), que a UNITI, é resultado de uma parceria consolidada entre o Governo do Estado,

por intermédio da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão (SEPLAN) e a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Serviço Social do Comércio (SESC) e a Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O Programa de Educação Continuada está diretamente ligada a Pró - Reitoria de Extensão (PROEX).

Segundo informações da coordenadora do Projeto publicada em Unitaçailândia (2010), a UNITI interiorizou suas ações para outros municípios nos campi da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como: Açailândia e Bacabal.

Conforme a Assessoria de Comunicação (ASCOM) da Universidade Federal do Maranhão, em seu sítio, disponível em 02 de março de 2015, aconteceu a reunião com a Coordenação da Universidade Integrada da Terceira Idade (UNITI) e a Secretaria de Gestão e Previdência do Estado do Maranhão. Participaram da reunião, na época o então reitor da UFMA, Natalino Salgado Filho; o secretário de Estado de Gestão e Previdência, Felipe Camarão; a pró-reitora de Extensão, Marize Aranha; a assistente social da Uniti, Maria Lucia Ferreira; a Assessora de Planejamento e Ações Estratégicas, Rosária de Fátima Silva; e a professora colaboradora Marly Abdalla. Segundo o sítio da Ascom/Ufma. A reunião teve como foco, fortalecer ainda mais a parceria entre a UNITI/i, UFMA e Secretaria de Estado Gestão e Previdência do Estado do Maranhão, por meio de financiamento na intenção de desenvolvimento das atividades do Programa de Educação Continuada. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO).

A UNITI deu início as suas atividades preliminares no mês de março de 1996, quando então, foram ofertados aos integrantes da equipe técnica do programa, cursos de capacitações, participação em eventos temáticos para o fenômeno do envelhecimento, experiências de Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATI).É relevante trazer considerações de Miranda (2016), sobre a UNITI/UFMA, enquanto programa de extensão, somente é possível em face da reunião do ensino, da extensão, e da pesquisa, enquanto empreendedores da representação de mudanças da universidade na sociedade.

A UNITI funciona no campus da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no município de São Luís. A cada ano letivo, o Projeto de Extensão oferece 150 vagas para idosos, tem como público alvo, indivíduos da terceira idade, embora aceite pessoas com idades a partir dos 50 anos. O caráter etário para ser considerado idoso é de 60 anos, conforme estabelece o Estatuto do Idoso/ Lei nº 10.471, de 01 de outubro de 2003 (BRASIL, 2003).

Segundo informações da coordenadora do Projeto publicada em Unitaçailândia (2010), a UNITI interiorizou suas ações para outros municípios nos *campis* da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como: Açailândia e Bacabal.

O projeto de extensão UNITI/UFMA, é uma experiência de Educação Continuada e não formal. Sua estrutura é pautada em uma abordagem de pedagogia interativa, com caráter multidisciplinar, priorizando a valorização humana e social de longevos, analisando questões relacionadas a esse segmento etário nos variados aspectos psicológicos, biológicos, filosóficos, político, espiritual, econômico, social e cultural. Preocupa-se em proporcionar ao longo, uma melhor qualidade de vida, tornando-o mais ativo, alegre, participativo, e integrado à sociedade. Corroboram com esse pensamento Miranda (2016), ao frisar que a UNITI/UFMA despontou como uma proposta, que procura conceder aos longevos a possibilidade da prática da sua cidadania. Por intermédio de “práticas educacionais, sociais, culturais e sociais, desenvolverem mecanismos que fortaleçam a sua participação social e política, proporcionando também um reingresso em um processo de formação continuada” (FEITOSA, 2011).

Quanto a estrutura organizacional da UNITI/UFMA, é composta pelas coordenações: geral, administrativa, técnica, por setor de pessoal e por colegiado de curso. A UNITI possui uma estrutura curricular que contempla disciplinas teóricas e práticas. De acordo com o projeto pedagógico do curso em Educação Continuada não formal, o currículo é organizado de maneira interativa, de acordo com as escolhas dos próprios longevos, com disciplinas teóricas de caráter obrigatório, e as práticas opcionais, desenvolvidas por meio de oficinas pedagógicas e atividades acadêmicas.

O curso apresenta uma carga horária de 238 horas, e suas atividades acompanham o calendário acadêmico anual da UFMA. As atividades educacionais possuem caráter de extensão universitária. O curso atribui a obrigatoriedade de frequência dos alunos em 75% das disciplinas do curso. As disciplinas teóricas abordam as diversas dimensões humanas e sociais, as mesmas são ministradas por profissionais em suas áreas específicas como: sociologia, filosofia, psicologia, direito, previdência social, história, geografia, relações humanas, educação, espiritualidade, política, economia, medicina, fisioterapia, odontologia, nutrição, jornalismo, turismo, educação física e meio ambiente. As disciplinas práticas envolvem diferentes atividades, como: dança de salão, natação, hidroginástica, biodança, relaxamento e alongamento, oficina da comunicação, pintura, artesanato, seresta e teatro.

O curso de formação continuada da UNITI/UFMA possui disciplinas como: Noções de Gerontologia, Psicologia na Terceira Idade, Turismo na Terceira Idade, Vida e Espiritualidade, conhecendo e Sentindo o Corpo na Terceira Idade, Nutrição na Terceira Idade e Terapia Ocupacional, além das disciplinas optativas como Informática, Fitoterapia, Artesanato, Concentração e Memória, Modelagem em Papel e História da Arte, Inglês, Espanhol.

Em abril de 2010, foi iniciado o projeto a “UNITI vai ao seu bairro”, com o intuito de desenvolver oficinas, atividades e palestras educativas em várias comunidades. Segundo a coordenadora do Projeto de Interiorização da UNITI, o público alvo desse projeto envolve longevos, moradores das comunidades do entorno do Campus da UFMA, tais como Vila Embratel, Anjo da Guarda e Itaqui-Bacanga, Madre de Deus, e também bairros distantes do campus como: Coroadinho, Coroadó, João Paulo, Anil, Vila Passos, Cohab, João de Deus, Cohatrac, São Cristovão, São Francisco e Cidade Operária. Conforme a coordenadora também será levado “[...] o projeto também será levado aos municípios da Raposa, Paço do Lumiar e São José de Ribamar”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 2017).

O sucesso alcançado pelas Universidades Abertas à Terceira Idade no contexto brasileiro possibilita uma maior visibilidade das questões relacionadas ao longo e ao envelhecimento populacional demográfico,

ratificando o papel social da Universidade e a obrigatoriedade para com as novas demandas dessa população.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

6.1 Caracterização da Pesquisa

Apresento neste capítulo, o comportamento metodológico estabelecido para consecução do estudo. Inicialmente trago a definição de pesquisa na concepção de Gil (1996), “é um procedimento racional e sistemático que usa o método científico com a finalidade de apresentar respostas a problemas”. A pesquisa também conjectura um planejamento e organização das atividades metodológicas a serem executadas, assim, torna-se relevante estabelecer as estratégias utilizadas para obtenção dos objetivos proposto no estudo.

Considero interessante destacar que esta pesquisa está inserida na área da ciência interdisciplinar, quando foram apropriados fundamentos de estudiosos nos campos da Gerontologia, e da Educação. Dito isto, esta pesquisa possui um caráter interdisciplinar.

Em relação à abordagem escolhida para o problema apontado por este estudo, recorreremos nessa investigação, ao uso dos métodos qualitativos e quantitativos, por entender que os métodos podem ser usados conjuntamente em uma pesquisa. Em relação ao método quantitativo, este por sua vez tem por objetivo examinar a correspondência entre as variáveis analisadas através da amostra de um grupo de indivíduos investigados. Nesse ponto, colocamos em tela, o uso da abordagem quantitativa [...] pela quantificação, pelas modalidades de coleta de informações, por seu tratamento de técnicas estatísticas, que vão desde as mais simples a exemplo do percentual, da média e desvio-padrão, até as mais complicadas, a saber: coeficientes de correlação, análise de regressão, entre outras (MICHEL, 2005).

É importante destacar, que a pesquisa quantitativa pode ser desenvolvida por meio de questionário, que podem usados em situações nas quais o pesquisador pretende obter resultados em sua pesquisa que possibilitará uma compreensão uniformizada de dados levantados. Os resultados de pesquisas quantitativas podem ser representados em forma de

gráficos, tabelas, e/ou quadros, no sentido de assegurar a exatidão, e o rigor de resultados. Isto posto, nesse estudo, a pesquisadora utilizou quadros, por entender ser relevante identificar quantos alunos do segmento etário de longo tempo compartilham características ou um grupo de características.

Em relação à pesquisa qualitativa, trazemos o pensamento de Godoy (1995), esclarece que na área das ciências sociais, a pesquisa qualitativa envolve o conjunto de distintas técnicas que buscam descrever e decodificar os elementos de um sistema. Para esse autor, a finalidade é explicar o significado dos acontecimentos do universo social. A maior parte das pesquisas qualitativas é realizada no próprio local de origem dos dados, sendo o ambiente natural a fonte direta para coleta de dados, enquanto o pesquisador torna-se o instrumento chave. Outro fato importante, segundo Yin (2016), a pesquisa qualitativa lida com crenças, valores, sentimentos e atitudes, correspondendo a um ambiente mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

Para Yin (2016), o pesquisador precisa ser sensível no que concerne às diversas variações e naturezas de pesquisa, isso quer dizer que não necessariamente tenhamos que escolher uma delas, se assim desejar. Portanto, cumpro ao dizer que comungo com posicionamento do autor, por compreender que esse estudo apresenta consistência, por se adequar perfeitamente a esse pensamento. Ou seja, fiz as opções pelas pesquisas de natureza “quantitativa e qualitativa” em razão ao problema de pesquisa que pode ser respondido sob essas duas perspectivas, e sem utilizar também nenhum tipo de variações. Para corroborar com o ponto de vista da pesquisadora, vejamos os autores Figueiredo e Sousa (2011), quando explicam que a proposição básica dessa incorporação baseia-se no pensamento de que o que a delimitação de um método poderá ser equilibrada pela importância do outro.

Portanto, foi de responsabilidade da pesquisadora adotar os procedimentos metodológicos, pautando-se na exatidão, no planejamento, e na organização que podem identificar, conhecer a situação real estudada, garantindo confiança, dando legitimidade as informações obtidas no estudo.

Desse modo, apontam-se: participação da pesquisa; instrumentos de coleta de dados; procedimentos éticos para análise dos dados; apresentação e análise das entrevistas.

6.2 Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa 13 (treze) alunos longevos de um Programa de Educação Continuada de uma Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Federal do Maranhão – UNIT/UFMA, formado por 150 alunos. A pesquisadora fez a opção pela amostra de conveniência, quando foram convidados a participarem das entrevistas os alunos que se tinha maior facilidade de acesso. Cabe ressaltar que, os convites foram feitos em conjunto, tanto pela Coordenação da UNIT/UFMA, como pela pesquisadora.

Quanto ao critério de inclusão do participante, foi considerado o aluno de 60 anos ou mais que estivesse matriculado e participando do referido programa. Como requisito de exclusão, foram retirados da amostra aqueles que possuíam idade entre 50 a 59 anos. Entretanto, é importante frisar que a UNIT/UFMA, aceita pessoas a partir dos 50 anos, os chamados de meia-idade. Conforme Araújo (2004), é uma etapa da vida que já demonstra sinais da velhice, apesar dessa faixa etária ainda apresentar atributos, requisitos almejados pela juventude.

A escolha da Instituição de Ensino Público deu-se em razão da Universidade Federal do Maranhão já desenvolver o Programa de Educação Continuada para longevos, por desenvolver a temática sobre o envelhecimento, a longevidade, no contexto educacional acadêmico.

6.3 Instrumentos de coleta de dados

Na intenção de alcançar os objetivos da pesquisa e tendo em vista o universo dessa investigação, escolheu-se como instrumento de coleta de dados, o questionário e a entrevista semiestruturada.

O questionário foi construído com perguntas fechados e aplicados à amostra selecionada. O questionário teve como finalidade a caracterização dos alunos entrevistados como: gênero, faixa etária e sexo, estado civil.

A entrevista semiestruturada, foi opção para que se pudesse obter informações acerca dos participantes, suas percepções, experiências, e por adequar-se aos objetivos desta pesquisa. É relevante dizer que a técnica da entrevista possibilita uma maior interação junto ao universo dos pesquisados.

Segundo Manzini (1990), a entrevista semiestruturada está centrada em um conteúdo, sendo elaborado um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões próprias relativas aos objetivos da pesquisa. O autor afirma que essa modalidade de entrevista pode provocar o surgimento de informações de modo bem mais espontâneo, assim como, as respostas não são consideradas condições para uma padronização de opções.

6.4 Procedimentos éticos para análise dos dados

Primeiramente, é importante relatar, que o Projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da UFMA, para apreciação e autorização, em razão da investigação envolver a participação de seres humanos. Ou seja, a pesquisa foi iniciada após a licença do parecer consubstanciado do referido comitê.

Na ocasião, outro procedimento burocrático adotado pela pesquisadora, deu-se por meio de requerimento perante a Reitoria da Universidade Federal do Maranhão, solicitando autorização para desenvolvimento da pesquisa com alunos longevos matriculados no Projeto de Extensão em Educação Continuada da UNITI/UFMA. Também, em respeito a Resolução nº 466/12, foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), dedicado aos participantes da pesquisa. Digo que, todos esses procedimentos tiveram que ser cumpridos, e somente a partir desse momento, foi dado início a investigação com alunos longevos participantes da UNITI/UFMA.

Ainda, na intenção de respeitar as exigências da Resolução nº 466/12, entramos contato com a Coordenação da UNIT/UFMA, quando na ocasião foram apresentados os respectivos documentos: Projeto de Pesquisa; Termo de Autorização da Pesquisa; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Ao dar início a investigação, a pesquisadora explicou individualmente a cada participante sobre o Projeto de Pesquisa, seus objetivos e procedimentos para realização do estudo, a relevância da participação dos longevos investigados. Na oportunidade, esclareci algumas dúvidas sobre o assunto. Destaco ainda, que foi assegurado a privacidade e o total sigilo referente aos relatos dos entrevistados. Na ocasião, ao iniciar a entrevista, a pesquisadora entregou a cada participante uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi lido a cada participante da pesquisa, ficando assegurado ao aluno que a sua participação teria o caráter voluntário, assim como ao seu afastamento da pesquisa se daria quando assim o desejasse.

A pesquisadora informou aos entrevistados sobre os possíveis benefícios da pesquisa, com o alargando de debates direcionados aos campos interdisciplinares da Gerontologia, Educação. Por outro lado, os investigados foram informados também, dos possíveis riscos ou incômodos atribuídos a pesquisa, a exemplo do tempo destinado para responder ao questionário e a entrevista, que de certa forma, poderia prejudicar a participação dos mesmos em atividades na sala de aula, ou mesmo reduzir seu tempo de presença em classe.

No que tange, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) constaram as assinaturas: dos respondentes, do pesquisador, da orientadora da pesquisa. A outra via do documento pertence à pesquisadora sendo usada por até 5 (cinco) anos, assim como os instrumentos de coleta de dados.

Foram realizadas 13 entrevistas semiestruturadas individuais. As mesmas foram previamente agendadas na coordenação do programa. As entrevistas foram gravadas em áudio, com duração em média de 20 a 30

minutos por cada respondente. Os relatos extraídos das entrevistas foram transcritas na íntegra pela pesquisadora.

Os momentos da aplicação dos questionários e entrevistas, aconteceram durante o mês de novembro de 2017, no turno vespertino, e em horários que antecederam as aulas e/ou nos intervalos, na intenção de garantir aos respondentes a sua participação às aulas. Destaco que, as entrevistas foram transcritas na íntegra no corpo do trabalho.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A seleção dos dados previamente coletados pelos instrumentos de pesquisa foi extremamente necessária para construção da análise quantitativa e qualitativa desta pesquisa. Na interpretação dos resultados obtidos neste trabalho, buscamos fundamentação teórica relativa à Análise de Conteúdo, no sentido de assegurar maior consistência aos resultados da pesquisa. A Análise de Conteúdo, para Bardin (2009), é um método para análise de comunicação. Trago para essa arena de debates o pensamento de Minayo (2006). A Análise de Conteúdo é referente às técnicas de pesquisa que possibilitam responder e legitimar deduções acerca de algum assunto, por meio de procedimentos especializados e científicos.

Conforme maior detalhamento de Bardin (2009), a Análise de Conteúdo busca colher indicadores qualitativos e quantitativos, que se distinguem em relação a frequência a partir de certas características de conteúdo ou da reunião de conteúdo. Esse método infere conhecimentos relativos às condições de geração das mensagens, e destaca-se pelo uso extenuante e fonte da descrição analítica do conteúdo das mensagens e a consecutiva apreciação. Para esse autor, a análise de conteúdo permite a interpretação de conteúdos subtendidos, portanto, anseios, motivações, alegrias, tristezas, risos, interferências e incômodos, o que provoca a interpretação do conteúdo, seus significados e encadeamentos. Assim, a Análise de Conteúdo tanto dos questionários com a categorização dos dados colocados em quadros com as referidas interpretações, como das entrevistas semiestruturadas que contribuíram para os resultados sobre o problema de pesquisa.

7.1 Questionário: caracterização pessoal

Neste item estão colocados os dados coletados do questionário que fora aplicado no sentido de evidenciar a caracterização pessoal de alunos longevos que participam do Programa de Educação Continuada da

UNITI/UFMA. É conveniente dizer que os dados coletados também estão representados por meio de quadros.

Quadro 1– Faixa Etária / Gênero

IDADES	HOMENS	MULHERES	TOTAL
60 – 70	01	07	08
71 – 80	02	02	04
Acima de 80	–	01	01
TOTAL DE ALUNOS:			13

Fonte: Dados obtidos do questionário – questões 01 e 02

O quadro 1 apresenta dados relacionados à faixa etária distribuída por gênero. Dos alunos longevos que participaram da pesquisa, em relação à faixa etária dos 60 a 70 anos, sete (07) são mulheres, e apenas um (01) homem. A faixa etária dos 71 a 80 anos é representada por duas (02) mulheres e por dois (02) homens. A faixa etária acima dos 81 anos é composta por uma (01) mulher.

Ao verificar os dados, desperta a atenção para uma maior concentração de mulheres que pertencem à faixa etária entre 60 a 70 anos. Observa-se uma presença majoritariamente feminina no Curso de Educação Continuada da UNITI/UFMA. Compreende-se que, a redução da mortalidade, tem favorecido a longevidade de homens e mulheres. Contudo, as mulheres têm usufruído de uma maior longevidade ao longo dos últimos 20 anos. No sentido de assegurar o pensamento da pesquisadora, segundo os autores Beltrão, Camarano e Kanso (2004), a expectativa de vida de mulheres é cerca de oito anos a mais se comparado a expectativa de vida dos homens. Isso pode ser explicado como sendo o fenômeno da feminização da população longeva. Assim, a participação de mulheres longevas no Curso da UNITI/UFMA pode estar ligada ao fato de que as mulheres são mais receptivas, quando se lhes apresentadas oportunidades, e possibilidades de conhecer coisas novas.

A partir dessas constatações, a pesquisadora acredita que esse panorama deva apresentar mudanças na sociedade quando considerável

parcela da população de homens dessa nova geração, já está consciente da necessidade dos cuidados com a saúde como prevenção de doenças, conseqüentemente, refletindo em uma maior expectativa de vida.

Quadro 2 - Estado Civil

ESTADO CIVIL	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Solteiro(a)	-	03	03
Casado(a)	02	03	05
Divorciado(a)	01	-	01
Viúvo(a)		04	04
TOTAL DE ALUNOS:			13

Fonte: Dados obtidos do questionário – questão 03

Em relação ao estado civil, identificamos 03 (três) mulheres solteiras; 03 (três) mulheres casadas e 04 (quatro) mulheres viúvas. Quanto aos homens, 02 (dois) encontram-se casados, e apenas 01 (um) divorciado. Como já foi colocado anteriormente, conforme a Tabela 1, a predominância da população feminina longeva ao curso é uma realidade. Segundo a exposição de Camarano (2003), os dados do “IBGE/Censos Demográficos dos anos de 1940, 1950, 1991 e 2000, referente à População Brasileira Idosa e Muito Idosa na década de 1980, a expectativa de vida das mulheres, a média seria de 65 anos, 6,4 mais alta” do que os homens. Enquanto em 2000, esta desigualdade elevou-se para “8,7 anos”, em razão a uma maior diminuição da mortalidade em mulheres.

Quadro 3 – Grau de Escolaridade

GRAU DE ESCOLARIDADE	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Ensino fundamental completo	-	-	-
Ensino fundamental incompleto	-	01	01

Ensino Médio Completo	03	09	12
Ensino Médio Incompleto	–	–	–
TOTAL GERAL:			13

Fonte: Dados obtidos do questionário – questão 04

Estes são os dados que se referem ao grau de escolaridade da amostra; a maioria dos alunos longevos possui o Ensino Médio Completo, são 09 (nove) longevas; 04 (quatro) homens possuem o Ensino Médio Completo. No universo pesquisado, 01 (um) aluno não concluiu o Ensino Fundamental. Percebemos um considerável nível de escolaridade entre os alunos entrevistados, quando a maioria concluiu o ensino médio. No universo de entrevistados, somente 01 (um) aluno não concluiu o ensino fundamental. Acredito, que isso se deve a políticas de inclusão de longevos na sociedade por meio da Educação Continuada da UNITI/UFMA.

7.2 Entrevista: elementos conceituais

Neste item, busquei exibir os dados obtidos por meio da aplicação de entrevistas direcionadas para os alunos longevos do curso de educação continuada da UNITI/UFMA, do Campus da Universidade Federal do Maranhão.

Com a intenção de assegurar sigilo e proteção quanto a identidade dos entrevistados na pesquisa, os respondentes foram codificados pela palavra Longevo, e a sua direita por letras do alfabeto na forma sequencial, no propósito de reconhecê-los no contexto desse estudo, vejamos: Longevo A; Longevo B; Longevo C; Longevo D; Longevo E; Longevo F; Longevo G, Longevo H; Longevo I; Longevo J; Longevo; Longevo M; Longevo N; Longevo O. Os depoimentos dos participantes das entrevistas estão evidenciados em 11 quadros. As perguntas feitas nas entrevistas antecedem cada um dos quadros.

Quadro 4 - Razões que levaram o Senhor (a) a participar de um projeto de extensão voltado para o longevo?

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo A	<i>“Eu estava fazendo tratamento de quimioterapia. A razão foi a necessidade de cuidar de mim. Foi nessa hora que eu percebi que estava envelhecendo. A vontade de ter novos conhecimentos, e não parar.”</i>
Longevo B	<i>“Quería terminar esse curso que havia parado no ano de 2000, pois meu marido adoeceu. Hoje minhas filhas já têm a vida dela, meu marido faleceu, senti um pouco de solidão. Então sobra tempo para mim e como gosto de estudar, estou aqui.”</i>
Longevo C	<i>“Eu queria ter mais conhecimento. Morava em São Paulo, fiquei viúva há um ano e meio, e sentia solidão. Eu achava que em casa era mais difícil para mim daí voltei pra São Luís. Foi aí que soube da Uniti, e fiz minha inscrição, porque eu participava de um grupo da terceira idade em São Paulo.”</i>
Longevo F	<i>“Para continuar com qualidade de vida. Porque depois que a gente se aposenta perde até o nome, na profissão não sou mais auxiliar administrativo, sou apenas aposentado”.</i>
Longevo G	<i>“Eu tava com muitos problemas e minha filha me aconselhou a estudar na Uniti.”</i>
Longevo L	<i>“Eu queria estudar, saber de mais coisas que ainda não sei. Participar de coisas novas.”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 1

Para esse grupo de longevos do programa de Educação Continuada, todas as falas dos respondentes pontuaram acontecimentos

marcantes em algum momento de suas vidas: viuvez, solidão, doença, aposentadoria, independência dos filhos, que levaram a alterações em suas vidas e que de certa maneira tornaram-se razões para mudança de atitude e realização de novos objetivos como: busca por uma melhor saúde, qualidade de vida, resgate de antigos sonhos não concretizados, como voltar a estudar, e/ou conquistar novos projetos em suas vidas. Podemos constatar algumas dessas situações por meio das falas dos entrevistados:

Longevo B: “[...] *meu marido faleceu, senti um pouco de solidão*”.

Longevo C: “[...] *morava em São Paulo, fiquei viúva há um ano e meio, e sentia solidão*”.

Aponta-se nas falas dos Longevos A, B e L, outras razões que justificam suas participações no Programa de Educação Continuada da UNIT/UFMA, como o desejo de retornar aos estudos, conhecer coisas novas, na intenção de exercitar os conhecimentos adquiridos em suas vidas. Assim, a UNIT/UFMA, passa a ser um espaço de Educação Continuada para os longevos, mas não só de conhecimento, sobretudo como agente importante de transmissão de experiências e condições de convívio em um espaço de ensino e aprendizagem. A educação apresenta-se com dois significados: como “algo que pode ocupar o tempo disponível, e como uma forma de recuperar uma oportunidade outrora abdicada na história de vida do indivíduo” (ADAMO *et al*, 2017).

Na fala do Longevo F, nos chamou atenção a percepção da condição de aposentado, quando lhe parece que a produtividade se extingue com a aposentadoria: “[...] *depois que a gente se aposenta perde até o nome, na profissão não sou mais auxiliar administrativo, sou apenas aposentado*”.

Me parece que a sua condição de aposentado lhe trouxe sensações de perda da sua identidade, do seu espaço social, e do seu sentimento de não pertencimento, que outrora foram conquistados no ambiente do trabalho. A ligação que o indivíduo estabelece no trabalho possibilita a construção da sua identidade pessoal. A identidade profissional está ligada ao seu próprio

reconhecimento, que retrata o modo de como o próprio sujeito se concebe, e como é percebido pelo outro. (ZANELLI, 1996).

Para Figueiredo e Souza (2011), o desafio principal do longo vivo é o enfrentamento de situações, e não há como impedi-las, o que vai requerer um empenho no sentido de adequar-se a novos contextos, tanto nas relações familiares, como nas interações sociais. É pertinente trazer o pensamento do autor citado acima, por entendermos que se encaixa e ratifica perfeitamente o significado das falas dos longevos B e C. Assim, experimentar possibilidades de tornarem-se alunos de um programa de Educação Continuada UNITI/UFMA pode vir a despertar novos interesses no sentido de integrá-los em um novo espaço de aprendizagem, de socialização, no sentido de manter o bem-estar físico e emocional dos alunos longevos.

Quadro 5 - Como seus familiares conceberam a sua participação em um programa de Educação Continuada para longevos?

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo A	<i>“Eles dizem que eu tou toda convencida. Só quero andar agora e saber da Universidade. Vivo na Universidade chego de manhã e só saio de tarde. Tem tanta coisa para gente fazer aqui. Eles ficam dizendo que quase nem me veem mais em casa.”</i>
Longevo B	<i>“Minhas filhas ficaram felizes. Apesar da minha idade, elas sabem que aqui estou me sinto realizada como estudante.”</i>
Longevo F	<i>“Eles acharam que foi um grande benefício para minha vida.”</i>
Longevo J	<i>“Quase todos me apoiaram, só não o pai do meu filho. Ele fala que depois de velha eu resolvi vir para a Universidade”. Estou</i>

	<i>aprendendo e me sinto bem na sala de aula. Eu nem ligo. Gosto de ir assistir as aulas e das conversas com os professores e colegas de sala.”</i>
Longevo N	<i>“Eu sou criticado pelos meus filhos. Minha filha vive dizendo para eu sair. Também, eles nunca gostaram de estudar. Mas estou muito bem, saio satisfeito e já fico ansioso para assistir as aulas.”</i>
Longevo O	<i>“Meus filhos me apoiaram a vir estudar na Uniti e depois que comecei eles dizem pra eu não parar.”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 2

Os longevos A, B, F e O responderam de forma positiva em relação a percepção dos familiares sobre o ingresso na UNITI/UFMA. Os mesmos declaram que o apoio e incentivo familiar, sobretudo dos filhos, foi muito importante, isso demonstra o cuidado e interesse da família pela vida do longevo, estes por sua vez se sentem mais amados, valorizados, com autoestima elevada, o que propicia uma melhor qualidade de vida. Um pouco na contramão desse pensamento, os longevos J e N se sentem parcialmente apoiados, pelos familiares.

Traz-se a fala do Longevo J: *“Quase todos me apoiaram, só não o pai do meu filho. Ele fala que depois de velha eu resolvi vir para a Universidade. ”*

O Longevo N afirma: *“Eu sou criticado pelos meus filhos. Minha filha vive dizendo para eu sair. Também, eles nunca gostaram de estudar. ”*

Segundo as falas dos longevos J e N, estes percebem a falta do apoio, e do incentivo por parte do cônjuge e filha, em continuar a estudar, frequentar o programa da UNITI/UFMA. Apesar do que pensam seus familiares, percebemos que os longevos J e N se sentem úteis, motivados e

principalmente valorizados por todos aqueles que fazem parte do programa. A velhice ainda é percebida como um período na vida do indivíduo somente pelas perdas como: da autonomia, da independência, da saúde. Apesar da falta de apoio e incentivo de cônjuge e filho, os longevos J e N não se intimidam com falatórios de seus familiares. A destarte dessas opiniões, os mesmos que continuam participando ativamente do Programa de Educação Continuada da UNITI/UFMA, como a boa convivência em sala de aula, usufruindo dos conhecimentos adquiridos, por sentirem-se alegres, por estar no espaço de ensino e aprendizagem. Encerro essa questão, ao defender a seguinte posição, o principal eixo na vida do idoso é o apoio da família, em que a função principal está nas suas relações com cônjuge, filhos, netos, bisnetos, quando a família cria “condições estruturais” e incentiva o longevo a estabelecer novos projetos de vida. (RIZOLLI E SURDI; 2010)

Quadro 6 - O que vem a sua mente quando se fala em longevo?

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo A	<i>“Eu só tive consciência de que ser longevo é poder viver bem e com saúde depois que entrei pra Uniti. Se eu fizer atividades, cuidar da saúde eu vou ter uma vida maravilhosa. Não importa quantos anos em vá viver, o importante é que eu viva muito bem, e de que forma eu estou vivendo e só depende de mim. Eu melhorei muita a minha qualidade de vida por isso, procuro aplicar na medida do possível, e o que a gente aprende aqui é importante. (fala baixinho) Eu achava os velhos enjoados, eu não me percebia como idosa.”</i>
Longevo H	<i>“Antes de vir para Uniti, vivia sentindo dores, ficava em casa dormindo, achava que por ser idosa, não tinha muito o que fazer, não me preocupava mais em cuidar de mim. Hoje a gente já sabe que para ser longevo é importante cuidar da saúde e aqui eu já aprendi que temos que ter qualidade de vida.”</i>

Longevo L	<i>“Na minha ideia longofo é a pessoa que vive muito, e aqui na Uniti, se tem a oportunidade de se rejuvenescer, de ser alegre.”</i>
Longevo I	<i>“Depois que aposentei, achei que não tinha muito o que fazer. Foi aí que entrei para Uniti, e comecei a entender que sou longofo e posso ter longa vida. E é isso que a Uniti passa para nós. Viver com uma melhor qualidade de vida, sem tristezas. Aprender a viver com essa idade, aprender a trabalhar essa idade.”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 3

Na fala dos longevos A, H, L, I, a percepção sobre a compreensão do significado de ser longofo se justifica em face dos conhecimentos sobre longevidade como: atenção à saúde, a boa condição física, biológica e psicológica, adquiridos nas aulas da Uniti/Ufma. Podemos observar, que na concepção dos idosos entrevistados, os aspectos que mais colaboram para o envelhecimento ativo, com promoção da saúde física e emocional, pelo vínculo familiar e o bom convívio social. Destacamos a fala dos longevos quanto a compreensão sobre longofo, vejamos:

Longevo A: *“Eu só tive consciência de que é ser longofo, é pode viver bem e com saúde depois que entrei pra UNIT.”*

Longevo H: *“Hoje a gente já sabe que para ser longofo é importante cuidar da saúde e aqui eu já aprendi que temos que ter qualidade de vida.”*

Longevo L: *“Na minha ideia longofo é a pessoa que vive muito, e aqui na Uniti, se tem a oportunidade de se rejuvenescer, de ser alegre.”*

Longevo I: *“[...] entrei para UNITI, e comecei a entender que sou longofo e posso ter longa vida. E é isso que a UNITI passa para nós.”*

Surge na sociedade uma nova representação do longofo, bem mais integrada, positiva, ativa, embora saibamos que ainda predomina nessa

sociedade pós-moderna uma percepção preconceituosa, estereotipada da velhice, representada por doença, inatividade, tédio, dependência dos outros. É interessante dizer que, até mesmo o indivíduo que vivencia essa etapa de vida, a mesma se percebe como idosa, porém o “outro”, é visto como velho, é o que constatamos na fala do longevo A: “ [...] *eu achava os velhos enjoados, eu não me percebia como idosa.*”

Destacamos os relatos dos Longevos A e I, em que os mesmos se percebem como idosos e, compreendem a relevância do elemento tempo:

Longevo I: [...] *aprender a viver com essa idade de 73 anos, aprender a trabalhar essa idade.*”

Quadro 7 - Na sua concepção, o que o Senhor (a) compreende por Educação Continuada?

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo A	<i>“A gente nunca sabe o bastante, então aqui na Unit a gente aprende tanta coisa! Coisas que a gente tinha e não percebia. A gente aprende muito, nunca se sabe o bastante. E tenho aprendido demais.”</i>
Longevo B	<i>“Enquanto tiver vida tem que continuar a aprender, a estudar. Cada dia as coisas se renovam mais. Eu vou continuar estudando pretendo fazer o curso de social. Ainda vou realizar o meu sonho.”</i>
Longevo D	<i>“Aumentar meus conhecimentos. E se eu continuar estudando vou conhecer coisas novas mesmo estando nessa idade.”</i>
Longevo E	<i>“Agente nunca deve parar de estudar; enquanto há vida tem que se ter esperança.”</i>

	<i>Aprender coisas novas, e eu vou continuar aprendendo.”</i>
Longevo G	<i>“A gente estuda e vai aprendendo, isso alonga nossa vida, nosso cérebro vai trabalhando para não enferrujar.”</i>
Longevo L	<i>“Nunca é tarde para continuar a estudar e aprender. A gente pode sempre saber das coisas. Na educação se tem muitas oportunidades, principalmente na data de hoje.”</i>
Longevo O	<i>“A gente vai aprendendo andando para frente enquanto se tem muitos anos de vida com saúde.”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 4

Para todos os Longevos respondentes desse grupo, é unanimidade a seguinte compreensão, enquanto o indivíduo estiver vivo, o mesmo deve continuar a aprender coisas novas, a estudar, a identificar e desenvolver suas potencialidades para conhecer algo novo, até porque o processo da Educação Continuada tem início na infância, e segue-se por toda a vida do homem. É fato, defender o respeito e à necessidade do “aprender” deve estar contido nas distintas etapas da vida do indivíduo. Porém, é pertinente trazer para esse contexto o pensamento de Arruda (2009), para quem o prazer em aprender, a integração das experiências contribui para construção do conhecimento nessa fase da vida dos alunos longevos, na perspectiva das oportunidades de realizações. Assim, destaco o seguinte pensamento, “a compreensão da Educação continuada voltada para a faixa etária de longevos, torna-se um ponto fundamental na recuperação da autoconfiança, da elevação da autoestima, e o que motiva alunos longevos a prosseguirem, a retomarem antigos sonhos e conquistar novos projetos de vida, sendo uma premissa para a melhoria da qualidade de vida”. (GUEDES, 2006).

Outro fato relevante que merece destaque, é o relato do Longevo B, com a oportunidade de retornar a um espaço de educação continuada como é a

UNITI/UFMA, por entender que também é uma oportunidade de realização de um antigo sonho, que é cursar Serviço Social, ou seja, passa a ser um novo projeto de vida. Portanto, sonhos que foram deixados de lado, porém não esquecidos, podem ser concretizados a partir do retorno à sala de aula.

Quadro 8 - O que significa para o Senhor (a) o convívio em sala de aula?

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo A	<i>“Eu acho maravilhoso, porque eu era uma pessoa que me dava com todo muito, mas eu era uma pessoa tímida e solitária. Ainda sou, eu reconheço. Hoje, quando eu ando com muita gente tenho que prestar atenção, porque eu quero fazer só o que eu quero, me isolo. A gente tem que conviver, eu era na minha, não contava meus problemas. Hoje eu paro, ouço as pessoas, conto meus problemas. Toda hora a gente tem que prestar atenção no que tá fazendo, dizendo para não está julgando o outro.”</i>
Longevo D	<i>“Eu sou um pouco tímida, e tem sido bom, a gente se dar com todo mundo, já fiz mais amizades, embora a gente se identifica mais com um do que com outros.”</i>
Longevo E	<i>“Muito bom, apesar de eu ter um comportamento mais resguardado. Alguns já me falaram que pareço ter um jeito antipático. Se eu sou assim é porque sou tímida.”</i>
Longevo F	<i>“Como nós somos estudantes, temos que cooperar, conviver com os outros e entender e valorizar o comportamento dos outros.”</i>
Longevo G	<i>“Maravilhoso, convivo com as pessoas da Uniti. Elas alegram a gente, todos somos amigos, conversamos, damos risadas.”</i>

Longevo H	<i>“Para mim é um relacionamento. Eu assumo como uma nova família. Estar nessa sala de aula me ajudou bastante. E maravilhoso, já não me vejo tão tímida.”</i>
Longevo M	<i>“Tem sido harmonioso. Eu chamo de interação. Eu acho que é todos se entenderem, conviver bem. ”</i>
Longevo O	<i>“É bom, mais temos que olhar que cada um tem jeito diferente um do outro. Uns tem mais paciência outros nem tanto. Mais a gente tem que conviver e respeitar.”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 5

No sentido de fundamentar os relatos dos longevos D, E e H sobre a questão do convívio em sala de aula, trago pensamentos das autoras Scortegna e Oliveira (2012). Segundo elas, o longevo tem condições, por meio do processo educativo, de socializar-se, além de integrar-se num contexto social maior, alongando suas relações pessoais, conhecendo novas realidades, remover temores, e compreender todo o universo que pode “conhecer e vivenciar”. Compreendo que estar no espaço de aprendizagem “a sala de aula” da UNIT/UFMA, é conviver e compartilhar de conhecimentos, alegrias, tristezas, dentre outros, e possibilita aos alunos longevos, a elevação da autoestima, um maior equilíbrio emocional, construção de novos relacionamentos e amizades, sobretudo na perspectiva de realização de novos projetos de vida. No sentido de fundamentar nosso pensamento, buscamos os pronunciamentos de (FENALTI E SCHWARTZ, 2003). Para eles, as Universidades da Terceira Idade buscam a “valorização pessoal, a convivência grupal, o revigoramento da participação social, a formação de um cidadão consciente de suas responsabilidades e direitos, promovendo sua independência e sua qualidade de vida”.

Retornando as falas dos entrevistados D, E, e H, a condição de timidez foi um desafio a ser enfrentado e aos poucos foi sendo superado:

Longevo D: *“Eu sou um pouco tímida.”*

Longevo E: *“Se eu sou assim é porque sou tímida”.*

Longevo H: *“[...] já não me vejo tão tímida.”*

Os alunos demonstram em sua fala que já percebem a importância do convívio em grupos, um outro item importante, que tem contribuído para um maior relacionamento e integração social em sala de aula. Nas falas dos entrevistados A, F, G, M e O, relatam que compartilham problemas pessoais e se ajudam mutuamente, avistemos:

Longevo A: *“A gente tem que conviver, eu era na minha, não contava meus problemas. Hoje eu paro, ouço as pessoas, conto meus problemas.”*

Longevo F: *“Como nós somos estudantes, temos que cooperar, conviver com os outros e entender e valorizar o comportamento do outros.”*

Longevo G: *“Maravilhoso, convivo com as pessoas da Uniti. Elas alegram a gente, todos somos amigos, conversamos, damos risadas.”*

Longevo M: *“Tem sido harmonioso. Eu chamo de interação. Eu acho que é todos se entenderem, conviver bem.”*

Longevo O: *“[...] Mais a gente tem que conviver e respeitar.”*

Torna-se interessante saber que o aluno percebe a relevância do Programa de Educação Continuada UNITI/UFMA, por oportunizar a possibilidade de criar e manter laços de amizade, fora do contexto familiar, a exemplo do convívio em sala de aula. O longo quer se igualar através dos seus pares e de todas as pessoas que formam o seu meio. Ele tem condições de agregar, na sua relação, a família, “mais amigos, o próximo, outros longevos, os oprimidos, os opressores, a sociedade” (SANTOS E SÁ, 2000).

Quadro 9 - Destaque aspectos positivos em relação a sua participação em um programa de extensão de Educação Continuada.

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo A	<i>“A Uniti ajuda a gente a melhorar a vida pessoal e até a vida financeira. Tem pessoas aqui que não pegavam nem no seu dinheiro, eles foram orientados. A pessoa passou a pegar no seu dinheiro. Ir no banco, como administrar o seu dinheiro. A gente foi orientado até como usar o caixa eletrônico. Orientaram a gente como usar o banheiro. Como fazer para deitar, levantar. A cuidar das suas coisas.”</i>
Longevo B	<i>“O ponto positivo foi o conhecimento que temos agora sobre como compreender as doenças da nossa idade. O que se deve comer para ter mais saúde.”</i>
Longevo C	<i>“Me tornei outra pessoa. Aqui nunca soube o que é stress. Cheguei aqui chorosa, mas com a evolução das aulas e entrosamento com os novos colegas, dos professores e coordenadores da UNITI, esqueci a tristeza.”</i>
Longevo D	<i>“Conheci lugares que eu não conhecia nos passeios.”</i>
Longevo E	<i>“Conheci novas pessoas, novas amizades eu fiz.”</i>
Longevo F	<i>“A gente descobre que tem capacidade para administrar a nossa vida, porque quando a gente chega na terceira idade a família acha que a gente não tem mais condições para nada ”</i>
Longevo I	<i>“Eu aprendi a me integrar, a conversar mais, me soltei. Eu só conversava com quem eu conhecia. Hoje não.”</i>
Longevo N	<i>“As aulas de inglês. Eu tinha a maior vontade de aprender, pois pretendo conhecer a Europa porque, sempre viajo e é bom conhecer coisas novas.”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 6

Conforme a fala dos entrevistados desse grupo, acreditamos que a proposta do Programa de Educação Continuada da UNIIT/UFMA possibilita a conscientização da sociedade no sentido de compreender que o ambiente de

ensino e aprendizagem se propõe a prestar deferência ao longo, por outro lado leva-o a conhecer e perceber o mundo, a exercer sua plena cidadania, a experimentar e compartilhar coisas novas, a conquistar autonomia e respeito da família e da sociedade como um todo. Ou seja, tornam-se protagonistas de suas vidas. Segundo Freire (1986), apenas quando os “oprimidos encontram, claramente, o opressor, e se reúnem para combater de modo organizado, por sua libertação, passam acreditar em suas potencialidades, superando assim, sua convivência com o sistema opressor”.

Nos relatos dos longevos A, B, E, I, e F os pontos positivos do programa de educação continuada foram os conhecimentos adquiridos na sala de aula em relação aos cuidados com a alimentação, no cuidado com a saúde, na prevenção, e ou/cuidados das doenças crônicas, na administração e autonomia das suas vidas financeiras, conhecer pessoas, construir novas amizades, vejamos abaixo:

Longevo A: *“A Uniti ajuda a agente a melhorar a vida pessoal e até a vida financeira. Quando aposentei, não ia mais ao banco. Tem pessoas aqui que não pegavam nem no seu dinheiro, eles foram orientados. A pessoa passou a pegar no seu dinheiro. Ir no banco, como administrar o seu dinheiro. A gente foi orientado até como usar o caixa eletrônico.”*

Longevo F: *“A gente descobre que tem capacidade para administrar a nossa vida,[...]”*

Longevo B: *“O ponto positivo foi o conhecimento que temos agora, sobre como compreender as doenças da nossa idade. O que se deve comer para ter mais saúde. ”*

Longevo E: *“Conheci novas pessoas, novas amizades eu fiz. ”*

Longevo I: *“Eu aprendi a me integrar, a conversar mais, me solte. Eu só conversava com quem eu conhecia. Hoje não. ”*

Quando longevos percebem a importância do cuidado com a saúde e melhorias na qualidade de vida, estão relacionados com a sua participação na comunidade, a exemplo daqueles que praticam, a saber: atividades físicas,

dança de salão, lazer, turismo, programas de extensão para longevos em universidades da terceira idade. Em se tratando de Educação Continuada da UNITI/UFMA, as falas dos longevos D e N demonstram que eles percebem aspectos positivos como viajar, conhecer lugares, aprender uma língua estrangeira. Segundo Moragas (1991), quando os longevos participam de programas de educação continuada das Universidades Abertas da Terceira Idade, desenvolvem a interação social, estimulam um sentimento de valorização, de autonomia e se percebem de maneira positiva, tornam-se mais fortes, planejam suas vidas como viajar, conhecer novas culturas.

Quadro 10 - Destaque aspectos negativos em relação a sua participação em um curso de extensão direcionado a longevos

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo A	<i>“Nenhum. Foi tudo muito bom.”</i>
Longevo C	<i>“Não encontrei nada de ruim. Foi ótimo ser aluna da Uniti.”</i>
Longevo D	<i>“Tudo muito bom.”</i>
Longevo E	<i>“Como todo grupo, as vezes em reunião as pessoas exageram em seus comportamentos. Eu pensava por serem pessoas maduras poderiam ter outro comportamento, dar exemplo, porque incomoda.”</i>
Longevo G	<i>“Gosto de tudo.”</i>
Longevo H	<i>“Falta mais união entre os colegas. Mas, nós somos diferentes.”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 7

Os alunos longevos A, C, D, G responderam positivamente sobre suas participações no programa de educação continuada da UNITI/UFMA, vejamos:

Longeva A: *“Nenhum. Foi tudo muito bom.”*

Longeva C: *“Não encontrei nada de ruim, foi ótimo ser aluna da Uniti ”*

Longeva D: *“Tudo muito bom.”*

Longeva G: *“Gosto de tudo. ”*

É relevante destacarmos, nas falas de E e H, certas inquietações em relação a determinados comportamentos de alunos. Ao mesmo tempo foram percebidas as diferenças existentes em sala de aula, o que não interferiam nas relações humanas construídas no espaço de aprendizagem.

Longevo E: *“Como todo grupo, às vezes em reunião as pessoas exageram em seus comportamentos. Eu pensava que por serem pessoas maduras poderiam ter outro comportamento, dar exemplo, porque incomoda. ”*

Longevo H: *“Falta mais união entre os colegas. Mas, nós somos diferentes. ”*

Quadro 11 - Na sua opinião, quais os desafios enfrentados no curso?

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo B	<i>“Na aula de inglês, adoeci e tive que faltar, fiz a prova porque não tinha estudado. Abandonei a aula de inglês ”</i>
Longevo C	<i>“O único desafio que encontrei foi a inglês. Queria desistir, o professor não deixou. Não é que eu tô até aprendendo para cantar na formatura.”</i>
Longevo E	<i>“Meu maior desafio tem sido as aulas de espanhol. É lindo mas tenho dificuldade para compreender. Acho que com o tempo me acostumo.”</i>
Longevo F	<i>“Meus problemas de saúde; tenho que ir a médicos e tenho que faltar as aulas.”</i>
Longevo G	<i>“O sol muito quente, para pegar o ônibus e tenho alguns problemas de saúde. ”</i>

Longevo H	<i>“Tenho dificuldade nas aulas de espanhol.” Mas não vou desistir, quero viajar para o exterior pra me comunicar melhor. ”</i>
Longevo J	<i>“Meu desafio tem sido as aulas de inglês, eu esqueço muito.”</i>
Longevo L	<i>“O tempo me atrapalha, o sol quente ou a chuva no inverno. Mas eu vou terminar o curso.”</i>
Longevo N	<i>“O trânsito congestionado, dificuldade para chegar na UFMA, ônibus que demora.”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 8

Quanto à questão desafios enfrentados durante o curso, o Longevo B apontou em sua fala que os problemas de saúde comprometeram sua participação nas aulas de inglês, abandonando a disciplina. Os entrevistados E, e J, apontaram dificuldades nas disciplinas de língua estrangeira, a exemplo da compreensão e do esquecimento. No entanto, o desejo em aprender uma nova língua foi motivo para continuar, vejamos:

Longevo E: *“Meu maior desafio tem sido as aulas de espanhol. É lindo mais tenho dificuldade para compreender. Acho que o tempo me acostumo.”*

Longevo J: *“Meu desafio tem sido as aulas de inglês, eu esqueço muito. ”*

Aprender uma língua estrangeira é uma atividade que possibilita o exercício mental. Sabemos que a capacidade de aprendizagem reduz com o passar dos anos, entretanto, isso não limita e nem tão pouco impedimento para que longevos não possam estudar, frequentar um ambiente de aprendizagem, muito pelo contrário, quanto maior o estímulo cerebral, mais simples será o processo de aprendizagem. O longevo tem capacidade de aprender sempre, para tanto a autoconfiança, a motivação, e estar aberto a aprender coisas novas, tornam-se elementos importante no processo de aprendizagem.

Outros desafios foram colocados nas falas dos Longevos G, L e N, como o engarrafamento diário do trânsito, a morosidade dos transportes públicos, o clima muito quente ou período chuvoso, também comprometem a assiduidade e a pontualidade as aulas e às atividades desenvolvidas ao longo do curso da UNITI/UFMA, entretanto não são empecilhos para deixarem de frequentar as aulas, vejamos:

Longevo G: *“O sol muito quente, para pegar o ônibus e tenho alguns problemas de saúde. Mais eu vou terminar o curso.”*

Longevo L: *“O tempo me atrapalha, o sol quente ou a chuva no inverno.”*

Longevo N: *“O trânsito congestionado, dificuldade para chegar na UFMA, Ônibus que demora.”*

Por certo que os longevos apresentam limitações vivenciadas com a idade, sejam elas de ordem física ou mesmo provocadas por fatores externos. Mas são desafios que podem ser superados, e que não são empecilhos para a sua autonomia.

O aprendizado de uma língua estrangeira possibilitou momentos de prazer por meio do Canto Coral, bem como a possibilidade de realização de viagens de turismo internacional, é o que podemos constatar nas falas dos Longevos H e C:

Longevo H: *“Tenho dificuldade nas aulas de espanhol.”* Mais não vou desistir, quero viajar para o exterior pra me comunicar melhor. ”

Longevo C: *“[...] Não é que eu tô até aprendendo para cantar na formatura.”*

Os alunos são perfeitamente capazes de acumularem novos conhecimentos, a exemplo das disciplinas de língua estrangeira ofertadas pelo Programa da Uniti/UFMA, por oportunizar novas experiências. Assim, aprender coisas novas, reagir e superar desafios leva o longevo a perceber que vivenciar o seu dia a dia conforme as suas possibilidades não são impeditivos para que

os alunos suplantem seus anseios, que podem ter a liberdade de concretizar seus projetos de vida, propiciando-lhes um bom viver.

Quadro 12 - Na sua opinião, quais os resultados decorrentes da sua participação em um projeto de extensão voltados para longevos?

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo A	<i>“Uma universidade é coisa importante, eu nunca tinha frequentado na minha vida, tá maravilhosa. Eu não reclamo. Passei a me amar mais. Parece que é exagero, mas eu tô bem.”</i>
Longevo B	<i>“O resultado tá sendo muito bom. Me cuida mais, principalmente depois das aulas ”</i>
Longevo C	<i>“O resultado é que vou me formar, eu nunca imaginei isso a essa altura da minha vida. Não é porque a gente é idoso que não pode aprender. Hoje eu sou mais feliz ”</i>
Longevo D	<i>“Eu estou mais ativa, isso foi muito positivo para mim. Porque através do conhecimento adquirido na Uniti deixei de dormir muito e estou me movimentando ”</i>
Longevo E	<i>“Antes de estudar na UNITI, minha vida era muito limitada. Apenas casa e igreja, vivia fechada no meu mundo. Agora tenho amigos, passeio, me relaciono com pessoas diferentes.”</i>
Longevo F	<i>“Me tirou do comodismo, sedentarismo. Eu participando de um grupo de voluntários.”</i>
Longevo G	<i>“Aprendi com a nutricionista como me alimentar direito. Hoje tenho mais conhecimento de muita coisa. ”</i>
Longevo H	<i>“A aceitação por mim, me sinto querido, amado. As aulas de tchi chuan me mostrou que a idade tem valor. A Yoga melhorou os meus movimentos, minha saúde. ”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 9

A questão faz menção às mudanças decorrentes das suas participações no programa de educação continuada da UNIT/UFMA. Os relatos colhidos foram:

Longevo A: [...] *Passei a me admirar mais. Aprendi a me amar mais. Parece que é exagero, mais eu tô bem.*”

Longevo B: “ *O resultado tá sendo muito bom. Me cuida mais, principalmente depois das aulas.*”

Longevo C: “ *Hoje eu sou mais feliz.* ”

Longevo D: “*Eu estou mais ativa, isso foi muito positivo para mim.*”

Longevo E: “*Agora tenho amigos, passeio, me relaciono com pessoas diferentes.*”

Longevo F: “ *Me tirou do comodismo, sedentarismo. Eu participando de um grupo de voluntários.*”

Longevo G: “ *Aprendi com a nutricionista como me alimentar direito.* ”

Longevo H: “*A aceitação por mim, me sinto querido, amado*”. [...] *A Yoga melhorou os meus movimentos, minha saúde.* ”

Diversas foram as mudanças ocasionadas pela participação do aluno longevo no Programa de Educação Continuada da UNIT/UFMA. Ao serem inqueridos, A, B, C, D, E, F, e H destacaram melhorias na saúde em face dos conhecimentos adquiridos nas aulas de orientação nutricional, e colocados em prática no dia a dia. A participação nas aulas de Yoga, destacando o bem-estar físico e mental. Foram mencionadas mudanças como a elevação da autoestima, a valorização pessoal, a construção de novas relações sociais que acabam por amenizar ou evitar o isolamento, e doenças a exemplo da depressão. Destacamos o envolvimento de longevo na participação em outros grupos sociais em que fez despertar no longevo o sentimento de valorização pessoal e de auto respeito, ao se perceber como cidadão ativo, e que se sente feliz e útil

na sociedade. Advogo que educar os longevos, é apoiar para a inclusão social, na elevação na autoestima e na qualidade de vida de alunos longevos. A autoestima significa gostar de si mesmo “apreciando-se de modo genuíno e realista, com aceitação, autoconfiança, atitude por um propósito de vida” (ANDRÉ E LELORD, 2003).

Quadro 13 - O que mudou na sua vida, ao participar da Universidade Aberta à Terceira Idade?

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo C	<i>“O curso da UNITI mudou a minha forma de ver as coisas. Agora, participo de todas as atividades com muito prazer, não perco nada, porque me sinto bem. Estou até fazendo até dança, adoro.”</i>
Longevo D	<i>“Aprendi a ser mais positiva depois que fui adquirindo mais conhecimento, e estou vendo a vida de outra forma.”</i>
Longevo L	<i>“Depois que participei do curso da UNITI, eu passei a entender que ser velho não é ter só doenças. Mudei, hoje com a idade que tenho, estou acreditando mais no meu potencial.”</i>
Longevo N	<i>“Percebi que vale a pena voltar a estudar. Agora aproveito melhor o meu tempo com novos conhecimentos, não fico mais só me lamentando da velhice.”</i>
Longevo O	<i>“Mudou e muito, agora tenho disposição para ir as aulas, porque meus estudos na UNITI são importantes para mim. Depois, as outras coisas.”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 10

Conforme a fala dos longevos entrevistados D, L e N, os mesmos perceberam que participar de um curso de educação continuada possibilitou outra visão sobre o envelhecimento, estão autoconfiantes, positivos em relação a si mesmos. É fato, com a obtenção de novos saberes, construção de relações de amizade eles puderam compreender que o processo de envelhecimento é inerente à vida de todo indivíduo. É reconhecer que nesse estágio da vida, pode ser um tempo dedicado a novas conquistas e descobertas e vivenciar novas

fontes de interesses. Segundo Guedes (2006), é relevante estabelecer uma atitude na sociedade relativa ao envelhecimento, que possa ser percebida por todos, como um período da vida que pode ser também reconhecido como admirável. Assim, é normal que longevos se habituem às dificuldades e desafios que são específicos nessa etapa da vida:

Longevo D: *“Aprendi a ser mais positiva depois que fui adquirindo mais conhecimento, e estou vendo a vida de outra forma.”*

Longevo L: *“Depois que participei do curso da UNITI, eu passei a entender que ser velho não é ter só doenças. Mudei, hoje com a idade que tenho, estou acreditando mais no meu potencial.”*

Longevo N: *“Percebi que vale a pena voltar a estudar. Agora aproveito melhor o meu tempo com novos conhecimentos, não fico mais só me lamentando da velhice.”*

Em face das mudanças que acontecerem ao frequentar o curso da UNITI/UFMA, o Longevo C, demonstra seu contentamento e prazer em participar das atividades, se sente motivado, colocando em primeiro lugar os seus interesses. Assim, o mesmo destaca a importância em continuar os estudos nesse período da vida:

Longevo O: *“Mudou e muito, agora tenho disposição para ir as aulas, porque meus estudos na UNITI são importantes para mim. Depois, as outras coisas.”*

Na fala do entrevistado O, em face das mudanças que acontecerem ao participar do curso da UNITI/UFMA, o longevo expressa sua satisfação e disposição em frequentar o curso, sente-se mais disposto e ativo. Fica evidente o quanto ele percebe a importância de continuar os estudos nesse período da vida. Assim, compreendemos que a UNITI/UFMA se torna um ambiente especial de ensino e aprendizagem, de integração social, em que eles depositam novas expectativas a partir de novos conhecimentos adquiridos por meio da Educação Continuada.

Quadro 14 - Como familiares e amigos têm percebido mudanças na sua vida ao participar de um curso na Universidade Aberta à Terceira Idade?

PARTICIPANTES	RELATOS
Longevo A	<i>“Eles estranham porque primeiro eu fazia as coisas para os outros. Agora minha família fala que eu estou mais segura, já não peço tanta opinião. Eu decido o que quero fazer, comer, viajar, embora eu ame muito minha família.”</i>
Longevo H	<i>Os meus filhos dizem que mudei muito, o meu pensamento. Hoje, eles estão me compreendendo melhor.”</i>
Longevo F	<i>“Minhas amigas da igreja falam que mudei bastante, que agora vivo sendo positiva, não tenho mais medo de sair de casa, estou mais sabida, mais serena, mais alegre”. Algumas delas está até interessada em fazer a UNITI.”</i>
Longevo M	<i>Meus netos falam que estou mais alegre, mais livre, falei que é porque vejo a vida de outra forma, me sinto mais segura. Estudar na UNITI me fez entender que posso viver com mais saúde, viver melhor.”</i>
Longevo O	<i>“Minha vizinha me fez um comentário outro dia, que estou mais alegre, mais bonita, depois que passei a estudar, a vida está bem melhor. Falei para ela que passei a me cuidar mais, a me amar mais.”</i>

Fonte: Relatos obtidos nas entrevistas com os alunos longevos – Questão 11

Segundo relatos dos entrevistados, os amigos e familiares perceberam mudanças em suas vidas, destacam que tais mudanças trouxeram benefícios, como melhoria na saúde, maior sentimento de alegria, bom humor, satisfação com a vida, elevação da autoestima, maior confiança em si mesmo.

Destacamos a relevância do apoio familiar, e de amigos do aluno longevo, além da satisfação em vê-lo de forma mais positiva, sendo mais feliz após sua inclusão em um Programa de Educação Continuada. No sentido de

sustentar a reflexão supracitada, destaco as seguintes falas: os longevos “mantêm constantes relações de amizade, o apoio e zelo da família são fundamentais” na vida do longo, e por exercerem base psicológica e afetiva (GUNTHER E SILVA, 2000; CÓTICA, 2011).

Segundo relatos dos entrevistados, os amigos e familiares perceberam mudanças, como melhoria na saúde, maior sentimento de alegria e satisfação com a vida, elevação da autoestima, autonomia, produtivo intelectualmente, maior confiança em si mesmo, o que de certa maneira tem contribuído para um melhor convívio social na família e junto aos amigos, apresentando condições de descobrir-se como agente de mudança na velhice. Nesse caminho, entendemos que a UNITI/UFMA enquanto ambiente de aprendizagem tem alcançado seu propósito ao oportunizar ao longo um bom viver de maneira positiva, com mais alegria, e qualidade de vida. No sentido de fundamentar esse pensamento, trazemos as autoras Cachione e Neri (2004), por entenderem que retirar os longevos do “isolamento social, propiciar-lhes novos conhecimentos, interesse pela saúde, pela vida, e transformar sua imagem diante da sociedade” são objetivos da Universidade da Terceira Idade.

Longevo A: *“Eles estranham porque primeiro eu fazia as coisas para os outros. Agora minha família fala que eu estou mais segura, já não peço tanta opinião. Eu decido o que quero fazer, comer, viajar, embora eu ame muito minha família.”*

Longevo F: *“Minhas amigas da igreja falam que mudei bastante, que agora vivo sendo positiva, não tenho mais medo de sair de casa, estou mais sabida, mais serena, mais alegre”. Algumas delas está até interessada em fazer a UNITI.”*

Longevo O: *“Minha vizinha me fez um comentário outro dia, que estou mais alegre, mais bonita, depois que passei a estudar, a vida está bem melhor. Falei para ela que passei a me cuidar mais, a me amar mais.”*

Longevo M: *“Meus netos falam que estou mais alegre, mais livre, falei que é porque vejo a vida de outra forma, me sinto.”*

Assim, percebemos nas respostas dos longevos, que as mudanças ocorridas em suas vidas foram percebidas por amigos e familiares, e se deram em função da participação no curso de educação continuada ofertado pela UNITI/UFMA, quando os alunos tiveram a oportunidade de aprender coisas novas, conhecer suas limitações, a ponto de exercitar uma percepção mais clara diante dos desafios que lhe são impostos no dia a dia, e que alguns são peculiares nessa fase da vida do indivíduo, por se sentir preparado, e capaz de realizar mudanças em sua vida. Certamente a participação do longo vivo no curso de educação continuada da UNITI/UFMA, requer é planejamento pedagógico direcionado a esse público.

Vale ressaltar que por meio de encontros semanais, no espaço de ensino e aprendizagem, os alunos longevos experimentam novas aproximações em sala de aula, estabelecem relações de amizade com colegas, professores e coordenação, assim, alunos longevos com os mesmos sentimentos de equidade e de pertença à sociedade, sintam-se motivados e capazes de realizarem mudanças em suas vidas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os efeitos decorrentes desse estudo exibem mudanças pessoais significativas de pessoas que vivenciam o envelhecimento. Na oportunidade, conseguimos identificar aspectos positivos referentes a desafios e possibilidades de estudantes participantes do curso em educação continuada da terceira idade UNITI da Universidade Federal do Maranhão.

O envelhecimento populacional já é uma realidade em todo o mundo. O Brasil ao longo das últimas décadas tem experimentado o crescimento acelerado do fenômeno do envelhecimento estabelecendo transformações significativas no contexto da demografia populacional, exigindo da sociedade brasileira uma atenção especial no sentido de encarar os desafios que surgem nessa fase da vida desse segmento etário.

Nesse novo contexto, os debates construídos nesse trabalho foram fundamentados nas mudanças resultantes da participação do aluno longevo no curso de educação continuada da Universidade da Terceira da Idade, da Universidade Federal do Maranhão.

A pesquisadora buscou ouvir individualmente cada aluno, na intenção de identificar mudanças relevantes, suas experiências positivas no sentido de atender aos objetivos proposto pelo estudo. Conforme as falas, observamos que todos eles expressaram sentimentos de alegria, prazer e satisfação por frequentar o curso da UNITI/UFMA.

Cabe dizer que percebemos também nas falas dos alunos entrevistados os sentimentos de felicidade em estar concretizando um sonho, o retorno aos estudos, o desejo em continuar a aprender, embora tivessem a plena consciência do enfrentamento de desafios que teriam que transpor durante a sua participação no curso. Percebemos em suas falas que a motivação se fez presente em cada um dos alunos, principalmente em momentos de apatia ou doença. Assim, a motivação foi o diferencial na superação dos desafios, e envolvidos por uma perspectiva de novas possibilidades de aprendizagens.

Identificamos nas falas de alunos entrevistados, desafios enfrentados ao longo da sua participação no curso, que por sua vez estão relacionados a

problemas no trânsito, dificuldade na memorização de conteúdos em disciplinas de língua estrangeira.

No entanto, o que se sobressai nas respostas dos entrevistados, foi a importância dada ao ambiente de aprendizagem da UNITI/UFMA. Foram percebidos pela pesquisadora aspectos importantes nas falas dos participantes da pesquisa, a sala de aula se tornou um espaço de construção de novas relações sociais, vivência de coisas novas, o desenvolvimento da empatia, a valorização do “outro”, resultando no respeito das relações interpessoais construídas dentro e fora da sala de aula, o que contribuiu para a socialização harmoniosa entre todos eles, por se tornarem pessoas assertivas diante dos desafios e limitações, que aos poucos foram sendo superados ao longo do curso de educação continuada.

Alguns relatos de alunos longevos manifestaram o desejo em continuar a estudar, possuir uma formação de nível superior, e/ou atuar em cursos formativos direcionados para o público idoso, disponibilizando suas experiências e tempo disponível, assim como exercitar suas potencialidades no sentido de contribuir para a atualização desse grupo populacional.

Esse estudo ofereceu à pesquisadora a possibilidade de conviver com o público longevo, alunos que demonstraram potencial e motivação para aprender coisas novas. Para esse público é possível e importante a realização de seus planos com possibilidades para usufruto de benefícios para si mesmo, e conforme seus interesses, sem necessariamente ter que incomodar-se com a questão da idade enquanto barreira para frequentar o curso. O sentimento de satisfação por estar frequentando a Universidade da Terceira Idade/UNITI possibilitou a elevação da autoestima, despertou uma maior autonomia e liberdade quanto aos seus interesses.

Para essa pesquisadora, é indiscutível o fato de que os alunos entrevistados querem se sentir cidadãos ativos inseridos na sociedade, responsável pela melhoria na sua qualidade de vida, que tenham a possibilidade de experimentar a longevidade da melhor forma possível, para tanto são necessários o respeito e a valorização da sociedade, dos seus familiares, amigos, vizinhos.

Outro aspecto relevante a acrescentar é sobre a educação continuada, que na percepção dos longevos é compreendida como uma possibilidade de atualização continuada, quando puderam aprender sobre a importância no cuidado à saúde, na manutenção de alimentação equilibrada, na prática de atividades físicas para evitar o sedentarismo. Ou seja, a educação apresenta-se como um caminho que leva o aluno longevo a ter um novo olhar para a valorização do envelhecimento, com perspectiva de vivenciar uma longevidade saudável, ao mesmo tempo em que esse cidadão reconhece a si próprio como protagonista de sua própria história, e com novas possibilidades, à saber: construção de novos sonhos, resgate de projetos esquecidos, conservação de uma mente ativa, aquisição de novos saberes. Para isso, é também papel da UNITI/UFMA propiciar uma participação efetiva dos longevos na sociedade, por meio da sua proposta de educação continuada, provocando nesse segmento etário da população a qualidade de se sentir útil, desenvolvendo a capacidade de decisão, o despertar para a autonomia de superação que certamente contribui para uma melhor qualidade de vida, um bom viver.

Esperamos que este estudo de algum modo possa contribuir com novas pesquisas que se dedicam a longevidade, a educação para longevos, ao envelhecimento ativo no sentido de acrescentar novos olhares que auxiliem nas políticas e planejamento que direcionam o programa de educação continuada da Universidade da Terceira Idade - UNITI/UFMA.

REFERÊNCIAS

ADAMO, E. C. *et al.* **Universidade aberta para a terceira idade**: o impacto da educação continuada na qualidade de vida dos idosos Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro, 2017; v.20 n.4. July e Aug. On-line version ISSN 1981-2256. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.160192>. Acesso em: 17. abr. 2016.

ALVES, C. M. L. **Rompendo com o silêncio**: uma breve análise sobre violência familiar contra idosos em São Luís, Maranhão. Revista Kairós, São Paulo, 11 (2), dez. 2008, p. 81-84.

ALVES, E. M. S. 2007, 123 f. **O Idoso na sala de aula**: um novo ator. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Brasília, DF, 2007.

ALVES, V.P; VIANA, L.G. **Políticas públicas para a educação gerontológica na perspectiva da inserção social do idoso**: desafios e possibilidades. Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 489-510, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n68/05.pdf>. Acesso em: 23. jan. 2017.

ANDRADE, A. T. S. et al. O ensino da enfermagem gerontogeriátrica nas universidades federais brasileiras. **Revista Enfermagem em Foco**, v. 4, n. 1, p. 19-23, 2013.

ANDRÉ, C; LELORD, F. **Autoestima**: amar a si mesmo para conviver melhor com os outros. Rio de Janeiro: Nova Era. 2003.

ARAÚJO, L. F. de; CARVALHO, V. A. M. de L. Aspectos sócio-históricos e psicológicos da Velhice. 132 MNEME. **Revista de Humanidades [On-line]**, v. 6, n. 13, p. 1-9, dez. 2004/jan.2005. Semestral. ISSN -1518-3394. Disponível em <<https://www.cerescaico.ufrn.br/mneme>. >. Acesso em: 22. jun. 2015.

ARRUDA, I. **Análise de uma universidade da terceira idade no município de Campinas**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

ASSIS, D. Trabalho social com idosos no SESC de São Paulo, realizações e perspectivas. **Cadernos da Terceira Idade**. São Paulo: SESC, 1998.

Ações da UNITI são apresentadas ao secretário de Administração. Publicado em <<http://unitiacailandia.blogspot.com.br/2010/06/acoes-da-uniti-sao-apresentadas-ao.html>>. Acesso em: 17. abr. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERZINS, M. A. V. da S. Envelhecimento populacional: uma conquista para ser celebrada. **Revista Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, v. 29, n. 75 p. 19-33, set. Edição Especial, 2003.

BISSOLI, P. G. M; CACHIONI, M. Educação Gerontológica: breve intervenção em Centro de Convivência dia e seus impactos nos profissionais. **Revista Kairós Gerontologia**, 14(4). ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil, Setembro, 2011.

BOGDAN, R.; BILKEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução às teorias e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

BORGES, M. C. Os idosos e as políticas públicas e sociais no Brasil. In: Simon, O; Néri, A e Cachioni, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. 2a. ed. São Paulo: Alínea, 2006.

BOTH, A. **Identidade existencial na velhice**: mediações do Estado e da Universidade. Passo Fundo: Editora UPF, 2000.

_____. Longevidade e educação: fundamentos e prática. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BOUVOIR, S. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BELTRÃO, K. I.; CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Dinâmica populacional brasileira na virada do século XX**. Ipea. Rio de Janeiro, 2004.

BLAZER, D. **Problemas emocionais da terceira idade**: estratégias de intervenção. São Paulo: Andrei, 1998.

BRASIL. República Federativa do Brasil. Portaria MS 1.395/99 – **Política Nacional de Saúde do Idoso**, 1999.

_____. República Federativa do Brasil. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Brasília: Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>> Acesso em: 2. Out. 2011.

_____. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm>. Acesso em 15 mai.2016.

_____. Presidência da República. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso, e das outras providências. Disponível em: <

<http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/Leis/2003/l10.741.htm>> Acesso em: 31. jan. 2016.

CACHIONI, M. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a terceira idade**: experiências dos alunos da Universidade São Francisco. Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, 1998.

_____. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. São Paulo: Editora Alínea, 2002.

CACHIONI, M. Universidade da Terceira Idade. In: NERI, A. (Org.). **Palavras Chaves em Gerontologia**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008.

CACHIONI, M.; PALMA, L. S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e idoso. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

CACHIONI, M; NERI, A .L. Educação e gerontologia: desafios e oportunidades. RBCEH - **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, 99-115 - jan. /jun. 2004.v. 1, n.1.

CÂMARA, J. S. **Longevidade populacional**: novos desafios para a educação e para a dinâmica curricular. Cuiabá: UFMT, 2006.

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da População Brasileira**: uma contribuição demográfica. Texto de discussão. Rio de Janeiro, n. 858, jan. 2002. ISSN 1415-4765. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 3. jan. 2018.

CAMARANO, A. C. **Mulher idosa**: suporte familiar ou agente de mudança? Estudos avançados. 2003. Disponível em: <<http://scontent/uploads/2016/10/Pol%C3%A9A%20Pol%C3%A9tica-Nacional-do-Idoso-velha-s-e-novasquest%C3%B5es-IPEA.pdf>>. Acesso em: 16. out. 2017.

_____. **Mecanismos de Proteção Social para a População Idosa Brasileira**. Textos para discussão nº 1179, Rio de Janeiro, Ipea, 2006. Disponível em<http://www.pucsp.br/desenvolvimento_humano/Downloads/JorgeFelix.pdf>. Acesso em: 16. jan. 2018.

CORREA, L. S. Conectados e Antenados: Idosos na Era Digital PPGCOM ESPM, SP. Congresso Internacional de Comunicação e Consumo. COMUNICON.2016.Disponívelem<http://anaiscomunicon2016.espm.br/GTs/GTPOS/GT6/GT0.LUCIANA_CORREAPdf>. Acesso em: 16. ago. 2017.

CÓTICA, C. S. **Percepção de envelhecimento e finitude final da vida adulta tardia**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Universidade de Brasília. 2011.80p.

CUNHA, R. **Um estudo psicossocial sobre a vida e as aspirações de mulheres com mais de setenta anos na cidade de Curitiba**. 2008, 138 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos das categorias de idade. In: M. M. L. Barros (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Campinas: Unicamp, 1998, p.49-69.

_____. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 1999.

DELORS, J. *et al.* Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação: um tesouro a descobrir. **Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 6.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO (1999).

DEMO, Pedro. **Formação Permanente e tecnologias educacionais**. Editora Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Sociedade e suas oportunidades**. Brasília, DF: Plano, 2004.

DIAS, T. R. S; OMOTE, Entrevista em Educação Especial: aspectos metodológicos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, São Paulo, v.3, p. 93-100, 1995.

DOLL, J. **Educação e Envelhecimento: fundamentos e perspectivas**. A Terceira Idade. São Paulo: SESC, v. 19, p. 7-26, 2008.

FEITOSA, A. M. **Envelhecimento: corpo e mente em movimento**. São Luís, Gráfica Lider. 2011.

FENALTI, R. C. S; SCHWARTZ, G. M. Universidade Aberta à terceira idade e a perspectiva de ressignificação do lazer. São Paulo, **Revista Paulista de Educação Física**. v. 17, n. 2 (2003). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.2594-5904.rpef.2003.137555>>. Acesso em: 17. ago. 2017.

FERRIGNO, J. C. **Conflito e cooperação entre gerações**. São Paulo: Edições Sesc.2015.

FIGUEIREDO, A. M. de; SOUZA, S.R.G. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses: da redação científica à apresentação do texto final**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumer, 2011.

FRAIMAN, A. P. **Coisas da idade**. São Paulo: Alexa Cultural, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia dos Oprimidos*. 17 ed. Rio de Janeiro: Edições Terra e Paz, 1987.

FREIRE, V. M. **Turismo e Terceira Idade**: estudo da importância da atividade turística para os idosos. UFMA, 1997, 109 f. Monografia (Curso de Turismo). Universidade Federal do Maranhão. São Luís.

FRUTUOSO, D. L. F. **A terceira idade na universidade**: estudo do campo de representação. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

GADOTTI, M. **A Educação contra a Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas-RAE**, vol.35, n.2 mar/abr. São Paulo.1995. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38183/3692>>.

GONÇALVES, Z. C. O novo mundo do passa cartões e aperta botões. In: Negreiros, T. C. G. M. (Org.). **A nova velhice**: uma visão multidisciplinar. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

GUEDES, D. W. de Oliveira. **Educação Continuada e projeto de vida de pessoas idosas**. 2006,115 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

GUIMARÃES, R. M. É possível retardar o envelhecimento? In: GIUDI, M. L. M.

GUNTHER, I. A. SILVA, I. R. **Papeis Sociais e Envelhecimento em uma perspectiva de curso da vida**. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, 2000. Disponível em < http://www.cielo.br/pdf%OD/ptp/v.16_n1/4385.pdf>. Acesso em: 21. jan. 2018.

MORAGAS, R. M. Gerontología social: envejecimiento y calidad de vida. Barcelona: Herder, 1991. MOREIRA, M. R. L (Org.). **Rejuvenescer a velhice**. Brasília: Ed da UnB, 1996.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2002**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 3. nov. 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios**, 2014. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 10. jan. 2016.

Brasil. Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994. **Política Nacional do Idoso**.>. Acesso em: 14 dez.2017. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/L8842.htm>.> Acesso em: 14. jun. 2017.

LENOIR, R. L'invention du troisième âge: constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 1:26-27, mar./abr.1996.

LEÃO, M. A. B. G. Educação permanente de adultos maduros, idosos e de profissionais da área do envelhecimento: fundamentos para um projeto pedagógico de extensão universitária. **Revista de Extensão da Universidade de Taubaté**. Taubaté. n. 1, 2008. Disponível em: >. Acesso em: 23. jun. 2017.

LIMA, M. P. Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: KACHAR, Vitória. (Org.). **Longevidade**: um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001.

MACÊDO, N. R. **Idoso na contemporaneidade**: expectativas, desafios e contribuições vivenciados em espaços de aprendizagens. 2013. 121f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Católica de Brasília.

MARINHO, M.S *et al.* **Identidades de idosos longevos**: significados atribuídos a ser velho. **Revista Argumentum**. (Vitória), v. 8, n. 3, p. 146-158, set./dez. 2016.
Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/13693/10431>.>. Acesso em: 20. jan. 2017.

MARTINS, J. L. S. Da universidade da terceira idade para a comunidade: educação popular x educação acadêmica. **Cadernos de Serviço Social**, Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Ano VII.1998.

MANNING, P. K. La semântica de La terminologia em La educación de los mayores. La Gerontagogia. **I Jornada Sobre Personas Mayores e educadores Sociales**, 2003. España: Grupo Editorial Universitario.

MANZINI, E. J. A. **A entrevista na pesquisa Didática**. In: Didática São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2005. MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MIRABELLI, S. C. Mais 60: estudos sobre envelhecimento / O silêncio que oculta: violência contra a pessoa idosa. **Edição do Serviço Social do Comércio**. – São Paulo: Sesc São Paulo, v. 25, n. 60, jul. 2014 –. Quadrimestral. ISSN 2358-6362.

Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/9371_o+silencio+que+oculta+violencia+contra+a+essoa+idosa. Acesso em: 23. mai. 2017.

MIRANDA, L. A. A. **Contribuições das atividades em grupo para mudanças na vida dos alunos participantes do projeto de extensão do Curso de Psicologia oferecido à UNIT/UFMA** – 2016, 64 f. Monografia (Curso de Psicologia). Universidade Federal do Maranhão. São Luís.

MOTTA, M. Z. **O final da vida no século XXI**. Mediações, Londrina, v. 17, n. 2, p. 9-25, jul./dez. 2012.

NERI, A. L. **Psicologia do Envelhecimento**: temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. **Palavras-chave em Gerontologia**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2007.

NERI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, AL.; DEBERT, G. G. (Orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. (Org.). **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007.

OLIVEIRA, A. D. **Idoso, lazer, grupos de convivência**: uma comparação entre participantes, não participantes e egressos. 2012.154f (Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional) Universidade Federal de Minas Gerais.

OSÓRIO, A. R. **Educação permanente e educação de adultos**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento Ativo: Um projeto de Política de Saúde** (2005). Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/publicações/envelhecimento_ativo>. Acesso em: 12. set. 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Plan Internacional de acción sobre el Envejecimiento**, 2002.

PAIVA, V. **Educação permanente e capitalismo tardio**. São Paulo: Cortez, 1995.

PACHECO, J. L. et al. **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicosociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004.

_____. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, O, NERI, A. e CACHIONI, Meire. (Orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. São Paulo: Alínea, 2006.

PARENTE, M. A. de M. P. et.al. **Cognição e Envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PALMA, L. **Educação permanente e qualidade de vida**. Passo Fundo: UPF, 2000.

PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. Atheneu, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

PAVARINI, S. C. L. **A arte de cuidar do idoso: gerontologia como profissão?** Texto Contexto Enfermagem 2005 jul./set.v.n.14. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n3/v14n3a11.pdf> .> Acesso em: 22. jan. 2017.

PAVIANI, J. **Interdisciplinaridade: conceito e distinções**. Porto Alegre: Edições Pyr, 2005.

PAZ, S. F; Goldman, S. N.; PORTELA, A.; ARNAUT, T. (Org.). **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia**. Rio de Janeiro: ANG – RIO/ CBCISS, 2001.

PEIXOTO, C. Entre os estigmas e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: LINS DE BARROS, M. M. (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

RODRIGUES, N. C.; RAUTH, J. Os desafios do envelhecimento no Brasil. In: FREITAS, E. V. et al. (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p.106 -110.

RIBEIRO, P. C. C. **A psicologia frente aos desafios do envelhecimento populacional**. Gerais: Psicologia. Edição Especial, dez. 2015. p. 269. Revista Interinstitucional da Universidade Federal de Minas Gerais.

RIZZOLLI, D; SURDI, A. C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, [online]. 2010, vol.13, n.2. ISSN 1981-2256. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.160192>. Acesso em: 18. set. 2017.

SÁ, V. M. L. **O 'Novo Velho' e as Políticas Sociais: e o setor de saúde, como se manifesta?** 1997. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1997.

ZANELLI, J. C. O programa de preparação para aposentadoria como um processo de intervenção ao final de uma carreira. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, Edição Esp. Temática, p. 157-176, 2000.

SANTOS, A. T e SÁ, M A Á dos S. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI e FREIRE (Orgs.). **E por falar em boa velhice**. São Paulo: Papirus, 2000.

SALGADO, M. A. **Velhice uma nova questão social**. São Paulo: Sesc, 1990.

SATO, N. C. **Educação Superior e projeto de vida na percepção dos longevos**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Brasília, DF, 2008.

SANTOS, A. T; SÁ, M. A. A. De volta as aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: VERAS, R. (Org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVA, H. S. Envelhecimento bem-sucedido e vulnerabilidade em saúde: aproximações e perspectiva. **Interface, Comunicação, Saúde, Educação**. v.14. n. 35. Botucatu, 2007.

SIQUEIRA, M. E. C. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: A. L. Neri. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papirus, 2001.

SCHARFSTEIN, E. A. Intervenção psicossocial. In: PY, L; STANO, R de C. M. T. **Ser professor no tempo do envelhecimento: professoralidade em cena**. São Paulo: Editora PUC SP, 2004.

SOBRAL, B. O. Trabalho educativo na terceira idade: uma incursão teórico-metodológica. **Textos sobre envelhecimento**. UNATI/UERJ. v.3, n.5, p. 67-91, 2001.

STANO, R. C; TRINDADE, M. Espaço Escolar: um tempo de ser na velhice. In: KACHAR, V (Org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2005.

TEODORO, M. F. UNATI/UERJ: **uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis. UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Assessoria de Comunicação. Disponível em: <<http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=44769>>. Acesso em: 10. ago. 2017.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Universidade Aberta da Terceira Idade. **Instituto da Terceira Idade**: proposta de criação. Rio de Janeiro: UERJ/UNATI, 1994.

VILLANI, F. L. **A Longevidade no aprendizado de línguas**: acrescentando vida aos anos e não anos à vida. 2007, 158 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VITAL, S. S. **Afetividade e prática docente idoso**. Holambra: Segmento, 2005.

YIN, R. K. Pesquisa qualitativa do início ao fim [recurso eletrônico]; Tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Modelo de questionário aplicado ao aluno longevo
Caracterização do Entrevistado.

1. Faixa Etária:

Entre 60 a 70 anos ()

Entre 71 a 80 anos ()

Acima de 81 ()

2. Gênero:

Feminino ()

Masculino ()

3. Estado Civil:

Solteiro (a) ()

Casado (a) ()

Divorciado (a) ()

Viúvo (a) ()

4. Qual seu grau de escolaridade?

Ensino Fundamental: Completo () Incompleto ()

Ensino Médio: Completo () Incompleto ()

Superior ()

Pós-graduação ()

APÊNDICE B: Roteiro de entrevista aplicada aos alunos longevos
Elementos Conceituais

1. Quais as razões que levaram o Senhor (a) a participar de um projeto de extensão voltado para o longevo?
2. Como seus familiares conceberam a sua participação em um programa de Educação Continuada para longevos?
3. O que vem a sua mente quando se fala em longevo?
4. Na sua concepção, o que o Senhor (a) compreende por Educação Continuada?
5. O que significa para o Senhor (a) o convívio em sala de aula?
6. Destaque aspectos positivos em relação a sua participação em um programa de extensão de Educação Continuada.
7. Destaque aspectos negativos em relação a sua participação em um curso de extensão direcionado a longevos.
8. Na sua opinião, quais os desafios enfrentados no curso?
9. Na sua opinião, quais os resultados decorrentes da sua participação em um projeto de extensão voltados para longevos?
10. O que mudou na sua vida, ao participar da Universidade Aberta à Terceira Idade?
11. Como familiares e amigos tem percebido mudanças na sua vida ao participar de um curso na Universidade Aberta à Terceira Idade?

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO RESOLUÇÃO 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS).

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE - UFMA**: desafios e possibilidades de educação continuada para o longo - um estudo de caso, e está sendo desenvolvida por Vanda Maria Mendes Freire, aluna do Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, sob a orientação da Prof^a. Dra. Conceição de Maria Belfort de Carvalho.

O objetivo deste estudo consiste em investigar a percepção de longevos, sobre os efeitos decorrentes da sua participação em um Programa de Educação Continuada. Os efeitos podem ser: possibilidades para desenvolver suas potencialidades, agir e pensar de maneira diferente, compreender e encarar novos desafios.

Portanto, o Senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa, cujo critério de avaliação será por meio da amostragem por conveniência, ou seja, serão convidados a participarem das entrevistas aqueles alunos matriculados que apresentem maior facilidade de acesso. É importante esclarecer que o universo dessa pesquisa é a



Universidade Integrada da Terceira Idade - UNITI da Universidade Federal do Maranhão/Campus “Cidade Universitária Dom Delgado”, em São Luís - MA.

Os benefícios esperados envolvem a ampliação nas discussões sobre Longevidade, Educação Continuada, possibilitando ao aluno maiores conhecimentos, compartilhamento de informações e elementos relevantes produzidos na pesquisa possibilitará vivenciar e acompanhar as modificações que ocorrem na sociedade contemporânea, a promoção da transformação cultural, do autoconhecimento, da valorização e elevação da autoestima, do bem estar na velhice a partir da construção de laços de amizade no espaço bem-estar do aluno longevo. O resultado desse estudo ficará à disposição para consulta na Coordenação do Programa de Extensão em Educação Continuada – UNITI-UFMA.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista, com perguntas abertas. A entrevista será realizada de maneira reservada onde estarão presentes a pesquisadora e o (a) entrevistado (a). A mesma acontecerá nas dependências da UNITI- UFMA, com gravação de áudio, e que demandará por um tempo aproximado de 30 a 50 minutos.

A participação do pesquisado nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com



Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Os possíveis riscos relacionados com sua participação podem ser: O critério subjetivo de interpretação das suas respostas a ser feita pelo pesquisador; Desconforto em falar; A exposição de informações, ou mesmo compartilhar informações de cunho pessoal ou confidencial. No sentido de minimizar os possíveis riscos citados acima. As informações obtidas através dessa pesquisa serão estritamente confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. As informações fornecidas neste estudo serão usadas e divulgadas no Curso de Pós-graduação stricto sensu, Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade,

O (a) Senhor (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Sua negativa, renúncia ou retirada de autorização não ocasionará prejuízo. Caso haja algum dano em relação ao entrevistado (a), o pesquisador e orientador desse estudo asseguram o ressarcimento ao mesmo.

O (a) Senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o Projeto de Pesquisa de sua participação, agora ou a qualquer momento.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.



Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Contatos do Pesquisador Responsável: Vanda Maria Mendes Freire

RG: 056641272015-5

Endereço: Rua H-20, quadra 14, nº 05. Parque Shalom. CEP; 65.073.000

Contato: (98) 98154-4068. E-mail: vanda_ma2003@hotmail.com

Contatos do Orientador Responsável : Conceição de Maria Belfort de Carvalho

RG: 0001048722993

Endereço: Travessa da Elca, nº 537. Bairro Monte Castelo. CEP: 65030530



Contato: (98) 99112-0474. E-mail: cbelfort@globo.com

Comitê de Ética em Pesquisa: Avenida dos Portugueses s/n, Campus Universitário do Bacanga, Prédio do CEB Velho, em frente ao auditório Multimídia da PPPGI. Telefone: 3272-8708. E-mail para correspondência cepufma@ufma.br

Coordenador: Francisco Navarro

ANEXOS

ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética

UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE-UFMA: desafios e possibilidades de educação continuada para o longo-vo- um estudo de caso.

Pesquisador: Vanda Maria Mendes Freire

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 76453817.4.0000.5087

Instituição Proponente: Universidade Federal do Maranhão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.335.097

Apresentação do Projeto:

Projeto de Pesquisa: UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE-UFMA: desafios e possibilidades de educação continuada para o longo-vo- um estudo de caso.

O crescimento acelerado da população idosa e as condições que esta população enfrenta na sociedade, tem gerado uma grande preocupação sobre este fenômeno, suscitando o desenvolvimento de estudos e pesquisas à procura de respostas que contribuam para sua inclusão na sociedade. (NERI, 1995). A educação é aclamada em qualquer idade como um direito e como uma possibilidade, mostrando assim que o indivíduo pode e consegue aprender por toda a vida, independente da idade. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva investigar a percepção de longevos, sobre os efeitos decorrentes da sua participação em um Programa de Educação Continuada. A pesquisa a ser desenvolvida é de natureza exploratória com abordagem qualitativa de caráter exploratório e como estudo de caso. Para atingir os objetivos da pesquisa e tendo em vista o universo de sua investigação, o instrumento de coleta de dados dar-se-á através da técnica da entrevista semiestruturada. Dessa forma, a pesquisa possibilitará maior envolvimento do longo-vo com a comunidade acadêmica, contribuindo com novos estudos no campo da longevidade e educação continuada, como também auxiliar na compreensão para um envelhecimento ativo com novas perspectivas de um bom viver e para a construção de novos projetos de vida.

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1906 CEB Velho
Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética CEP: 65.080-040
UF: MA Município: SAO LUIS
Telefone: (98)3272-6700 Fax: (98)3272-6700 E-mail: cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 2.025/2017

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a percepção de idosos, sobre os efeitos decorrentes da sua participação em um Programa de Educação Continuada.

Objetivo Secundário:

- 1 - Investigar como os idosos percebem a Educação Continuada na terceira idade;
- 2 - Elucidar as razões que levam os idosos a participarem de um Projeto de Educação Continuada;
- 3 - Identificar entre os idosos, principais mudanças ocorridas na sua vida em decorrência da participação em um Projeto de Educação Continuada;
- 4 - Identificar na percepção dos idosos, aspectos positivos e negativos de sua participação em um projeto de Educação Continuada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os possíveis riscos relacionados com a participação do entrevistado podem ser: O critério subjetivo de interpretação das suas respostas a ser feita pelo pesquisador; Desconforto em falar; A exposição de informações, ou mesmo compartilhar informações de cunho pessoal ou confidencial. No sentido de minimizar os possíveis riscos citados acima. As informações obtidas através dessa pesquisa serão estritamente confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

Os benefícios esperados envolvem a ampliação nas discussões sobre Longevidade, Educação Continuada, possibilitando ao aluno maiores conhecimentos, compartilhamento de informações e elementos relevantes produzidos na pesquisa possibilitará vivenciar e acompanhar as modificações que ocorrem na sociedade contemporânea, a promoção da transformação cultural, do autoconhecimento, da valorização e elevação da autoestima, do bem estar na velhice a partir da construção de laços de amizade no espaço bem-estar do aluno idoso.

Apresentação de acordo com a resolução 5/10/2016.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem clara, objetiva, metodologia adequada, foi apresentado toda a documentação necessária, o TCLE e os riscos e benefícios estão de acordo com a resolução 466/2012. Entretanto, a forma da entrevista tem duração de 30 a 50 minutos. Sugiro tentar reduzir esse tempo para não causar desconforto ao participante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

a pesquisadora apresentou todos os termos de forma adequada, inclusive a linguagem do termo de consentimento para os participantes. Com destaque por o orçamento ausente no corpo do

Endereço: Avenida das Portuguesas, 1906 CEB Velho
 Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética CEP: 65.080-040
 UF: MA Município: SAO LUIS
 Telefone: (98)3272-8708 Fax: (98)3272-8708 E-mail: cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 2.338.067

projeto.

Recomendações:

Não existem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

parecer aprovado, com duas pendências:

- 1 - o cronograma apresentado deverá ser adequado após a liberação do parecer do CEP.
- 2 - o orçamento financeiro só foi apresentado nas informações básicas do projeto, deverá ser inserido no corpo do projeto. Consultar resolução 466/12 do CNS. É resolução 510/16.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_769576.pdf	29/06/2017 17:23:56		Aceito
Outros	autorizacaoparapesquisavanda.pdf	29/06/2017 17:23:11	Vanda Maria Mendes Freire	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEtermo_de_consentimentovandamaria.pdf	29/06/2017 17:18:29	Vanda Maria Mendes Freire	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEtermodeconsentimentovandamaria.doc	29/06/2017 17:17:11	Vanda Maria Mendes Freire	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMestradopgcultvandaufma2017.doc	29/06/2017 17:15:52	Vanda Maria Mendes Freire	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMestradopgcultvandaufma2017.pdf	29/06/2017 17:15:32	Vanda Maria Mendes Freire	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostobassinada.pdf	29/06/2017 17:15:06	Vanda Maria Mendes Freire	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho
 Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética CEP: 65.080-040
 UF: MA Município: SAO LUIS
 Telefone: (98)3272-8708 Fax: (98)3272-8708 E-mail: cepufma@ufma.br